

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Andréia Silva Lima

**O ENIGMA DA FEMINILIDADE NA OBRA DE SIGMUND FREUD**

Belo Horizonte

2012

Andréia Silva Lima

**O ENIGMA DA FEMINILIDADE NA OBRA DE SIGMUND FREUD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ilka Franco Ferrari

Coorientador: Prof. Dr. Júlio Eduardo de Castro

Belo Horizonte

2012

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

L732e Lima, Andréia Silva  
O enigma da feminilidade na obra de Sigmund Freud / Andréia Silva Lima.  
Belo Horizonte, 2012.  
86f..

Orientadora: Ilka Franco Ferrari  
Coorientador: Júlio Eduardo de Castro  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Feminilidade. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Pênis. 4. Sexualidade. 5. Mulheres – Comportamento sexual. I. Ferrari, Ilka Franco. II. Castro, Júlio Eduardo de. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

SIB PUC MINAS

CDU:159.9-055.2

Andreia Silva Lima

**O ENIGMA DA FEMINILIDADE NA OBRA DE SIGMUND FREUD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

---

Dra. Ilka Franco Ferrari (Orientadora) – PUC Minas

---

Dr. Júlio Eduardo de Castro (Co-orientador) – UFSJ

---

Dra. Cristina Moreira Marcos – PUC Minas

---

Dr. Roberto Pires Calazans Matos – UFSJ

Belo Horizonte 12 de julho de 2012.

Ao Joelson, pela parceria em todas as circunstâncias e por ter sempre convocado a mulher em mim.

Ao Piedro, pela existência e por ter convocado a maternidade em mim.

## AGRADECIMENTOS

À Profª Ilka Franco Ferrari, pela orientação e pelo respeito ao meu projeto.

Ao Profº Júlio Eduardo de Castro, pela coorientação sempre atenciosa e leitura detalhada de cada linha escrita, além do carinho desprendido.

À Profª Cristina Moreira Marcos, pela participação no exame de qualificação e pelas contribuições importantes para o desenvolvimento do trabalho.

Ao Profº Roberto Pires Calazans Matos, pela disponibilidade na leitura do meu trabalho.

Ao Joelson, por sempre estar ao meu lado, com amor.

Ao Piedro, pelos chamados aos quais não pude atender.

Aos meus pais, Remy e Conceição, pelo início de tudo e por sempre me socorrerem nas necessidades humanas.

Aos meus irmãos, Adriana e Beto, e ao meu cunhado Alvim, pelo apoio e pela torcida.

Às minhas sobrinhas, Bruna, Larissa, Apoena, Bianca e Jéssica (na carona), pela juventude e energia que sempre me proporcionaram.

À Isonides Good God, por sustentar um lugar, apontar meu desejo e minha possibilidade de trabalho.

À Ires, minha coordenadora, pela compreensão e liberação da minha licença, sem a qual este trabalho seria muito dificultado.

Aos meus colegas de trabalho, psicólogos do IRS, Cláudia, Marconi, Myneia e Rosemary, pelo apoio, incentivo e por terem enfrentado os desafios também em meu nome, na minha ausência.

Aos colegas do mestrado, pela torcida e pelas discussões nos momentos de angústia.

A todos que não citei, mas que colaboraram na realização desse processo, a lembrança de um eterno agradecimento.

As grandes coisas podem ser reveladas através de pequenos indícios (FREUD, 1915/1916).

## RESUMO

Esta dissertação trabalha a questão da feminilidade em Freud e, para tal, percorre os caminhos na obra freudiana em busca de indícios deixados pelo autor sobre a feminilidade como um enigma inexorável à diferença sexual. Abordamos o tema a partir dos casos freudianos de histeria, passando pelos temas da sexualidade feminina, complexo de Édipo, a teoria das pulsões, a história do pré-Édipo, até chegar à questão do fazer-se mulher. Nesse percurso, constatamos que, desde o início da trajetória de Freud sobre as questões psíquicas das mulheres, algo despontava como incompreendido, como um impasse diante da primazia fálica. Concluiu-se que, mesmo Freud não tendo formalizado um mais além do falo para a condição feminina, em sua teoria encontramos vestígios de um excesso libidinal não simbolizado atribuído ao feminino, o que contrasta com a primazia do falo na teorização freudiana sobre a feminilidade. Estes vestígios, presentes em sua obra, nos indicaram a impossibilidade de reduzir de forma absoluta a feminilidade ao registro fálico.

**Palavras-chave:** Feminilidade. Freud. Falo. Sexualidade feminina.

## **ABSTRACT**

This thesis discusses the issue of femininity in Freud and for that it searches in Freud's work for clues left by the author on femininity as an inexorable enigma of sexual difference. We approach the theme from the Freudian cases of hysteria, through the themes of female sexuality, Oedipus complex, the theory of drives, the history of pre-Oedipus up to the question of becoming a woman. Along the way, we note that since the beginning of the trajectory of Freud's psychic issues of women something blunted as misunderstood as a halt in front of phallic primacy. It was concluded that even though Freud did not have formalized beyond the phallus for the female condition we find traces in his theory of not symbolized libidinal excess assigned to females, which contrasts with the primacy of the phallus in Freudian theory on femininity. These remains present in his work indicated the impossibility of reducing the femininity simply to the phallic registry.

**Keywords:** Femininity. Freud. Phallus. Female sexuality.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2. MANIFESTAÇÕES HISTÓRICAS E INDÍCIOS DA FEMINILIDADE .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1. Nos tempos de Freud .....</b>	<b>21</b>
<i>2.1.1. A concepção da mulher na era vitoriana.....</i>	<i>21</i>
<i>2.1.2. A Viena freudiana .....</i>	<i>26</i>
<i>2.1.3. A mulher na moral civilizada .....</i>	<i>27</i>
<b>2.2. Alguns casos clínicos freudianos .....</b>	<b>30</b>
<i>2.2.1. Caso Elisabeth .....</i>	<i>30</i>
<i>2.2.2. Caso Emmy .....</i>	<i>32</i>
<b>2.3. Outra versão para a neurose feminina .....</b>	<b>34</b>
<i>2.3.1. O caso Dora .....</i>	<i>36</i>
<b>3. A SEXUALIDADE FEMININA E A FEMINILIDADE .....</b>	<b>39</b>
<b>3.1. A histeria e a feminilidade .....</b>	<b>39</b>
<b>3.2. A sexualidade infantil.....</b>	<b>43</b>
<b>3.3. O sem lugar do feminino.....</b>	<b>50</b>
<b>4. A FEMINILIDADE E A CONTROVÉRSIA DA PRIMAZIA FÁLICA.....</b>	<b>55</b>
<b>4.1. A história do pré-Édipo feminino ao pós-Édipo .....</b>	<b>56</b>
<i>4.1.1. A pulsão de morte e o feminino.....</i>	<i>56</i>
<i>4.1.2. A primazia fálica.....</i>	<i>58</i>
<i>4.1.3. Entre a menina e sua mãe .....</i>	<i>61</i>
<b>4.2. Tornar-se mulher.....</b>	<b>66</b>
<i>4.2.1. A conjunção do falo com o seu para além.....</i>	<i>67</i>
<i>4.2.2. Os destinos da feminilidade segundo Freud.....</i>	<i>68</i>
<b>4.3. Trajetórias da feminilidade .....</b>	<b>73</b>
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A temática da feminilidade sob a luz da psicanálise perpassa a discussão sobre a questão da posição do sujeito, que vai bem além das diferenças de gênero estereotípicas. O assunto é polêmico e carregado de divergências entre os autores atuais, colocando em discussão as interpretações da teoria de Sigmund Freud.

Alguns desses autores abordam os limites freudianos diante da natureza da feminilidade, como Torres e Katz (1995), que alegam que Freud não pôde pensar as mulheres a não ser como históricas. Lacan (1972-1973-1985) mais especificamente, aborda a feminilidade a partir da perspectiva do “não-toda fálica”, isto é, para além da primazia do falo, atribuindo a ela algo impossível de ser significantizável. Outros estudiosos, a exemplo de Birman (2001 e 2003), Arán (1997), realizaram uma releitura freudiana e trouxeram contribuições importantes à abordagem da feminilidade e do gozo feminino.

Como lembra André (1996, p. 17): “o discurso de Freud, como o de Lacan, não se pode reduzir a uma série de enunciados a considerar como ‘verdadeiros’ – ainda que provisoriamente”. Recorre-se, de todo modo, à teoria freudiana na tentativa de compreender as primeiras elaborações sobre o feminino. O autor iniciou a longa discussão sobre o mistério que, para ele, pairava sobre o tema descrevendo o repúdio que a feminilidade provoca na humanidade. Mais de um século após o início de sua obra, muitas questões são ainda levantadas, o que torna atual sua afirmativa de que “através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (FREUD, 1932/1980, p. 140).

Apesar de a feminilidade ser uma temática muito discutida, restam frestas, lacunas que provocam sua retomada na busca de novas significações. Tratam-se de frestas teóricas possíveis de serem identificadas na obra freudiana a medida em que o autor, ao buscar esclarecer o que é próprio do feminino, deixou em aberto o impasse edipiano (o complexo de Édipo inconcluso na menina) e sua importância na constituição do desejo feminino. A feminilidade resta como enigma na obra freudiana, o que incita aos adeptos da psicanálise à investigação apurada da problemática do feminino.

Em seu último texto sobre o tema, Freud conclui da seguinte forma:

Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável. Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou

consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes. (FREUD, 1932/1980, p.165).

É levando em conta a sensibilidade de Freud ao afirmar que, sobre o feminino, ainda restava algo a dizer, que esta pesquisa visa investigar as formalizações sobre a feminilidade, não em uma referência pós-freudiana, mas na fonte primária, considerando as questões morais e sociais da época, além de buscar identificar os avanços e as interrogações na compreensão do tema.

Diante do exposto, optamos por investigar o enigma da feminilidade em Sigmund Freud, a partir da hipótese da existência de indícios sugestivos de uma significação “para além do falo”. Vale ressaltar que esta dissertação não desconsidera em nenhum momento a ótica fálica de Freud na abordagem do feminino, porém se atém à busca por indícios teóricos que remetam a algo irrepresentável, obscuro e inominável, na constituição feminina. Por isso, nossa pesquisa guiou-se principalmente pela busca e investigação dos impasses identificados na obra freudiana em relação ao enigma do feminino.

Tal investigação estabeleceu como objetivos específicos: investigar os primeiros indícios das formulações freudianas acerca da feminilidade; relacionar, em Freud, as origens da sexualidade feminina com a construção da feminilidade e, por fim, analisar na obra freudiana os caminhos e descaminhos do fazer-se mulher.

Freud (1923/1980) destaca a existência de diferentes transformações sofridas durante a organização sexual da criança, devido à polaridade do sexo. Afirma ainda que algumas antíteses são demarcadas de acordo com o desenvolvimento sexual na infância, sendo a primeira a relação objeto-sujeito, a segunda, no período da organização pré-genital sádico-anal, entre ativo e passivo, e a terceira, entre ter um órgão e ser castrado. É somente na puberdade, momento em que a organização sexual se completa, que a polaridade sexual será definida entre masculino e feminino.

Ainda que Freud (1932/1980) aponte três saídas para a mulher, todas no binômio falo-castração, no final de sua obra ele retorna à temática da polaridade sexual, dizendo do repúdio trazido pela feminilidade - o que “[...] pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo” (FREUD, 1937/1980 p. 287).

Desde o início de seus estudos, o autor levantou questões sobre a origem do feminino. O pênis-falo não é tomado apenas como diferença anatômica, mas como origem das identificações sexuadas da subjetividade do homem e da mulher. As distinções entre ter ou não um pênis provocam, muitas vezes, uma definição dos sexos em que as mulheres aparecem

como invejosas e, conseqüentemente, menos dotadas moralmente. Freud, contudo, não seria tão simplista e descuidado, o que nos impele a avançar em sua teoria.

A metodologia utilizada na investigação foi a da pesquisa teórica de cunho bibliográfico, que, para Lima e Miotto (2007, p. 38), “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Diferente da revisão bibliográfica, que é uma necessidade para qualquer pesquisa, a pesquisa bibliográfica é um processo sistematizado de busca por soluções, voltado para um objeto de estudo.

Neste estudo traçamos um percurso pela temática freudiana do feminino considerando-se três momentos, divididos didática e cronologicamente na obra de Freud. Como instrumentos, foram selecionados textos freudianos e de outros autores que discutem o tema a partir de Freud, utilizando o procedimento de leitura seletiva, reflexiva e interpretativa, como sugerem Lima e Miotto (2007). Ao final, através da compreensão dos textos, buscamos interpretá-los na perspectiva do objeto e do problema estudados, produzindo novas elaborações sobre o tema.

O capítulo 2 desta dissertação investiga os primeiros escritos de Freud sobre a histeria, buscando indícios da feminilidade a partir da clínica. Neste apresentamos um breve histórico da concepção da mulher e da cultura vienense no contexto de surgimento da teoria psicanalítica, indicando a importância da literatura no movimento feminino na Europa. Passamos sucintamente por alguns casos clínicos freudianos, na tentativa de localizar algo para além da histeria, e fizemos apontamentos específicos sobre o caso Dora, que ilustra esse mais além que, naquele momento, Freud não pôde escutar.

No capítulo 3, buscamos compreender como as construções sobre a sexualidade feminina culminaram na concepção da feminilidade em Freud. Um breve comentário sobre feminilidade e histeria tem lugar, abordando discussões entre uma e outra como posições diferenciadas na mulher. Seguimos nos textos freudianos a investigação da sexualidade feminina pela via da sexualidade infantil, observando como Freud foi buscar na criança respostas para a etiologia da histeria, lançando-se na condição feminina que, na falta parcial de simbolização, é mencionada como misteriosa e enigmática. Estudos sobre culturas e povos antigos retratam essa realidade, tomando a mulher como tabu, preservada na tentativa de não ameaçar a ordem dos clãs. O complexo de Édipo foi abordado, e demarcou nesse momento (na segunda década do século XX) como o autor o concebia como simétrico para os dois sexos e exclusivamente calcado na referência masculina, impedindo assim novos olhares diante da sexualidade feminina. O capítulo é encerrado com a exposição do caso freudiano da

jovem homossexual, que enunciou a ambivalência na relação da menina com sua mãe, situação que provocou uma reviravolta na estrutura do Édipo feminino e na teoria freudiana sobre a mulher.

O último capítulo analisa, na obra freudiana, os caminhos e descaminhos do fazer-se mulher. Aqui foram trabalhados os textos freudianos posteriores a 1920, demarcando a influência do caso da jovem homossexual para as elaborações sobre o tema. A questão da pulsão e suas reestruturações na teoria são discutidas, focando a cisão entre pulsões de vida e pulsões de morte e concentrando nessa última a concepção de um resto, um excesso, que ficaria sem lugar no desenvolvimento libidinal. Voltou-se, então, ao complexo de Édipo, discutindo sua reestruturação proposta por Freud diante dos impasses a que se submeteu. A noção do pré-Édipo na menina, descoberta que modifica o caminho da sexualidade feminina, desemboca na questão da feminilidade. Finalmente, foram trabalhados os últimos textos freudianos sobre o tema, publicados na década de 1930, e as questões para as quais o autor não encontrou respostas, deixando a pergunta aberta para os poetas e para os desdobramentos da ciência.

Compreendeu-se que a análise freudiana sobre a problemática da feminilidade ressalta a infinitude da constituição feminina, visto que o processo “tornar-se mulher” se encontra para sempre inacabado. Freud deixa a questão da impossibilidade de representação da feminilidade como condição tanto do feminino como do masculino. Diante dos seus impasses e avanços, a conclusão da pesquisa destaca a existência de fatores complexos, ao longo de toda a obra freudiana, sempre presentes na problemática da constituição feminina. Seu falocentrismo teórico é inegável, porém algumas vezes acompanhados de formulações sobre a feminilidade que de forma alguma a reduz ao falo. Portanto, se há um inegável falocentrismo na teoria freudiana, a pesquisa sobre a feminilidade nos mostrou haver aí indícios suficientes para afirmarmos não haver absolutismo do falo. Apesar de toda a sua referência ao falo, reforçada pelo discurso cultural e científico da época, a clínica psicanalítica apontava para Freud a existência de algo que escapava à resposta fálica, um inominável impossível de ser circunscrito na operação analítica.

Portanto, pesquisar a feminilidade em Freud reflete a preocupação em contribuir para os estudos sobre o tema, possibilitando discussões e novos olhares sobre a feminilidade, visando contribuir para os diálogos da prática clínica e acadêmica.

## 2. MANIFESTAÇÕES HISTÓRICAS E INDÍCIOS DA FEMINILIDADE

Estudar as construções freudianas sobre a feminilidade envolve um longo caminho na teoria da sexualidade feminina. Para Torres (1995), esse tema trouxe um grande impasse às elaborações de Freud. Seus primeiros estudos estão voltados para a histeria, que o levou à invenção da psicanálise e conduziu a um caminho obscuro sobre a mulher. Torres e Katz (1995) afirmam que:

[...] todas as soluções que ele [Freud] encontra para as mulheres são por caminhos fálicos. A única verdadeira solução que ele encontra para a feminilidade, a qual chamamos normal, é a maternidade, que é uma solução fálica porque se trata do que ele chama a equação criança=falo. Nesse sentido, Freud não tem outra maneira de pensar as mulheres a não ser como histéricas. (TORRES; KATZ, 1995, p.13, tradução nossa)<sup>1</sup>.

É interessante observar que Freud iniciou suas investigações sobre a histeria com uma presença preponderante de mulheres em sua clínica, o que nos incita a pesquisar a problemática da feminilidade buscando compreender os pontos de divergência e congruência entre a histeria e o feminino. Por esse motivo, exploramos os estudos freudianos sobre a mulher a partir dos casos clínicos de histeria. Não buscamos analisá-los, mas apontar aspectos que norteiam caminhos e descaminhos na construção da feminilidade, além de ressaltar em que contexto histórico, social e cultural encontrava-se Freud ao iniciar suas elaborações.

### 2.1. Nos tempos de Freud

É imprescindível questionar a que influência moral estava submetido Freud e até que ponto ele deixou-se influenciar por seu contexto social na construção de sua teoria. No final do século XIX e início do século XX, a cultura ocidental, que tinha em Viena uma de suas ilustrações, submetia-se aos costumes rígidos da moral vitoriana. Quais seriam os preceitos concernentes ao lugar da mulher nessa época e como isso se infiltrou na teoria freudiana?

#### 2.1.1. A concepção da mulher na era vitoriana

Segundo Muribeca (2010), as noções de homem e mulher foram formadas ao longo da história da humanidade, em uma lógica que delega ao sexo masculino as principais

---

<sup>1</sup> *todas las soluciones que él plantea para las mujeres son por el camino fálico. La única verdadera solución que él encuentra para la feminilidad, llamemos normal, es la maternidad que es una solución fálica porque se trata de lo que él llama la ecuación niño=falo. En ese sentido, Freud no tiene otra manera de pensar las mujeres que no sea como histéricas.*

referências de humano. Do ponto de vista religioso, o livro do Gênesis citado por Muribeca (2010), concebe a mulher a partir da existência do homem, como parte dele. O feminino não era considerado em sua singularidade e o homem garantiu lugar hegemônico, mais tarde, também no discurso da ciência.

Segundo Muribeca (2010), desde a Idade Antiga (4000 a.C. – 476 d.C.) a humanidade discutia o feminino e a histeria. O útero era tido como responsável por tudo o que se referisse ao feminino e sua função era procriar, mantendo assim o bem estar psicológico da mulher (LAQUEUR *apud* MURIBECA, 2010). Na Idade Média (476 d.C. – 1453 d.C.), o estado psíquico, moral e social das mulheres ainda era visto como de responsabilidade do útero, mas houve intensa perseguição a elas e a seus possíveis prazeres sexuais, muitas sendo levadas à fogueira. Teria sido no século XVII, já na Idade Moderna (1453-1789), que estudos indicaram que os sintomas histéricos tinham origem no cérebro, em questões neurológicas, o que pouco modificou a relação entre o feminino e a histeria e a situação da mulher na sociedade.

Foi no século XIX que a mulher deixou de ser vista como herdeira de Eva e passou a herdeira da Virgem Maria, tomando-se a maternidade como o ideal feminino. A cultura europeia dos séculos XVIII e XIX promovia o paradigma da mulher em perfeita adequação a suas funções, com restrições ao que denominavam feminilidade. As mulheres seriam definidas a partir de sua natureza, de sua anatomia e de suas vicissitudes, em contradição com o antigo modelo de mulheres que precisariam ser domadas pela sociedade para cumprir a função para qual estavam destinadas: a maternidade. Exigia-se delas que desenvolvessem a docilidade, a sensualidade e uma aceitação passiva das necessidades e desejos dos homens e de seus filhos. O discurso sobre a mulher que se enunciava na era vitoriana, trouxe uma condição dialética entre o que se deveria desenvolver nas mulheres e a origem da sua naturalidade:

A feminilidade aparece aqui como um conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; a partir daí, atribui-se às mulheres um pendão definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico-, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade. (KEHL, 2008, p. 48).

A mulher seria, então, indicada a um único lugar: a família. Kehl (2008) cita Foucault a respeito da histerização do corpo da mulher, analisado na condição de um corpo sexualizado, mas integrado ao orgânico e social no espaço familiar. A mãe, em sua imagem negativa, apresentava-se como a “mulher nervosa”, protótipo desta histerização. “A histerização do corpo da mulher a que Foucault se refere é produzida por um discurso consistente cuja função é indicar às mulheres um único lugar – a família – de acordo com sua

*verdadeira* natureza, a feminilidade” (KEHL, 2008, p.49). Assim, a feminilidade era produzida por um discurso a partir da posição masculina: a mulher mãe e rainha do lar, passiva diante do outro.

Ao se submeterem ao discurso alheio, as mulheres renunciavam a falar de si e durante quase todo o século XIX deixaram de participar das tarefas culturais, permanecendo invisíveis ao sistema social, embora Kehl (2008) ressalte a sedução, uma das características da feminilidade, como posição ativa, mascarada por comportamentos da *belle indifférence*.

No final do século XIX, o discurso masculino sobre a feminilidade não se sustentava mais e tampouco conseguia cercear as inquietações sexuais e sociais femininas. A quantidade de renúncias a que as mulheres eram submetidas em prol do casamento vitoriano, tomado como gratificação, explicitava-se na infelicidade neurótica, no adoecimento ou no adultério. Na segunda metade daquele século, cresceu significativamente o número de mulheres escritoras, dando lugar a fantasias e anseios até então silenciados. O feminino encontra a literatura como expressão. A escolarização feminina torna-se obrigatória como dote, embora seu acesso à formação superior tenha sido mais demorado, uma vez que a educação de mulheres nesses níveis poderia ameaçar os princípios da sociedade. O aprendizado feminino fazia-se por outras vias: algumas tinham a oportunidade de instruir-se com suas mães e avós, outras eram autodidatas, leitoras vorazes, buscando a chance de participar dos saberes que formalizavam o espírito da época (KEHL, 2008).

A fúria de ler das mulheres estimulou a indústria da literatura, com seus romances e revistas femininos, geralmente escritos por mulheres entre os anos de 1860 e 1890, revirando o imaginário delas em relação ao casamento e ao paradigma da mulher. Muitas escritoras utilizavam pseudônimos masculinos para fugir das críticas e dos ataques conservadores, enquanto as mais ousadas relatavam suas próprias histórias, classificadas como literatura obscena por conta de sua autoexposição. Kehl (2008) entende que ali estava se constituindo uma identificação feminina, ou seja, uma identificação das mulheres em seus contornos que resumem experiências subjetivas, como as frustrações nos casamentos, solidão, dificuldades de expressar sentimentos e anseios.

Na medida em que algumas mulheres vieram tornar públicas as experiências vividas, uma a uma, por tantas outras, produziu-se um campo de identificações em que as mulheres puderam se reconhecer, assim como reconhecer suas diferenças em relação aos ideais de feminilidade produzidos a partir do suposto saber masculino. (KEHL, 2008, p. 94).

Dentre os romances e novelas dessa época que mexeram com o imaginário das mulheres e contribuíram para o processo de identidade feminina, citamos “Madame Bovary”

(FLAUBERT, 1857/1971). O livro traz a história de Emma Bovary, mulher interiorana, sonhadora e fútil, que se deixava seduzir pelas grandes paixões da literatura. Solteira, morando com o pai em uma fazenda, dividia sua formação entre a religião e os romances. Sem acesso ao fervor cultural das cidades, casa-se pela fantasia de viver um grande amor com Charles Bovary, médico medíocre e provinciano, viúvo, que se encanta por seus recatos. O casal vai morar na pequena cidade de Tostes e Emma logo desilude-se com o casamento. Encanta-se aos poucos com o luxo e a vaidade, distantes de sua rotina com o marido. Seu tédio agrava-se e Charles consegue transferência para a cidade de Yonville. Na nova morada, recebem frequentemente em sua casa Léon, jovem aprendiz de escrivão que demonstra grande atração por Emma, também encantada pelo rapaz. Ela engravida do marido e, apesar de desejar um filho homem, tem uma menina. A maternidade parece-lhe indiferente e ela entrega a filha aos cuidados de uma ama de leite. Percebe-se que a imagem que Emma tem do homem é a imagem fálica e potente e não a do simples macho, com exceção do seu marido que nunca lhe sustentou esta imagem, ele seria tão castrado como ela e disso Bovary não queria saber. Sua filha, uma menina, também lhe assombra com sua condição genital de castrada e Emma a recusa sem a menor cerimônia. Nem a maternidade lhe dá o falo tão almejado.

Apaixonada por Léon, Emma hesita em viver esse amor, propondo-se a ser esposa fiel e virtuosa, mas ele parte para Paris para estudar Direito e ela cai novamente no tédio. Logo conhece Rodolphe, decadente aristocrata galanteador, com quem inicia um romance. Emma é abandonada por seu amante e cai em tristeza profunda e adoeceadora. Começa a frequentar a cidade de Rouen e reencontra Léon, mais maduro, com quem se envolve em uma história de amor. Passa a gastar o dinheiro do marido com roupas, decoração e presentes para o amante, perdendo o controle das finanças. As dívidas de Emma são levadas à Justiça. Ela pede ajuda ao ex-amante Rodolphe e a Léon e nenhum dos dois a socorre. Procura então o tabelião para tentar evitar a penhora de sua casa, mas ele, sabendo de sua fama de amante, tenta seduzi-la. Sem recurso, suicida-se tomando arsênico, deixando o marido e a filha na ruína.

Segundo Scotti (2002) a paixão era o falo que Bovary tanto desejava em si e no Outro, que a entorpecia e colocava-a em posição dual, ora ativa e fálica, ora passiva e depressiva. É o que sugere o autor ao afirmar que “a paixão era o falo que Emma desejava hirto e fulgurante em si mesma e no Outro, que por não se personificar no marido, tornou-o tão desinteressante e odiável quanto a sua própria vida e até a si mesma” (SCOTTI, 2002, p.8).

A paixão, afirma Scotti, é o que Emma sempre quis e dela se alimenta como dando sentido a sua vida, como uma droga que a torna dependente para viver. É pela falta de paixão em seu casamento com Charles que esta relação fracassa, pois Charles era um homem

medíocre em vários aspectos sem grandes atrativos físicos e espirituais. O que Bovary vê em seu marido é ela mesma, sua própria imagem, a paixão que viria do Outro e se decepciona logo após a noite de núpcias. Sem a paixão que esperava, seu casamento se torna um tédio e a frieza toma lugar no relacionamento. Charles era comum demais e nem de longe se aproximava dos personagens dos calorosos romances lidos por Bovary, o que ela desejava era um desejo insatisfeito e não constrói algo que faça suporte a essa ausência, desistindo de viver e atuando em um assertivo suicídio.

Observa-se uma proximidade da histeria de Bovary em relação à de Dora, sendo esta última paciente de Freud. Entretanto, ambas se distinguem quanto a maneira de lidar com a falta subjetiva, uma vez que Dora clama por socorro ao enunciar a possibilidade de autoextermínio, ao contrário de Bovary, que realiza a passagem ao ato.

Kehl (2008) chama atenção para o fato de o romance de Flaubert ter começado a ser publicado no ano de nascimento de Freud. A obra, considerada imoral, levou seu autor aos tribunais, sendo julgado e absolvido por ofensas à moral pública, à família e à religião, embora não tenham ficado claras as motivações reais do Ministério Público nesse processo. Quem parecia estar sendo julgada era a própria personagem, que ameaçava a feminilidade deduzida da referência masculina, traduzindo a inquietude das mulheres, que buscam expressão nos sintomas histéricos. Flaubert e seu romance são absolvidos após sua obra ter um olhar de alerta e punição para as mulheres, onde podia ser representado um destino fatal a estas que ousassem desviar de suas predestinações de boa esposa. Kehl (2008) diz que Flaubert sustenta um lugar ambíguo para as inquietações de Bovary, mas em dezembro de 1956 ele teria escrito em uma carta, talvez de forma irônica, que “[...] a Bovary prossegue acima das minhas esperanças. Só as mulheres me olham como um homem horrível: acham que sou verdadeiro demais. Eis o fundo da indignação” (FLAUBERT *apud* KEHL, 2008, p.137).

Não é propósito deste trabalho, analisar a personagem de Madame Bovary que, apesar de ficção, se mostra fonte riquíssima sobre a histeria. Nosso objetivo é apontar para a importância da obra no imaginário da sociedade vitoriana e sua influência diante de mulheres que começavam a clamar por um novo olhar sobre a mulher. O livro exemplifica a transição vivida naquele momento no universo feminino e Madame Bovary parece representar as histéricas de Freud, que, anos mais tarde, exigiam um novo enunciado sobre o feminino.

As transformações subjetivas sobre a mulher estavam implícitas na corrente social da época. Chega a ser curioso que o romance tenha sido escrito por um homem. Flaubert, nem forte nem viril, não seguia a referência de masculinidade de sua época. Filho caçula,

abandonou a faculdade por conta de ataques nervosos, não tendo um trabalho como modelo masculino. Desprezava o projeto de vida burguês, rebelando-se contra as demandas do pai, que o condenava por não seguir seu caminho (KEHL, 2008). Sua não aceitação dos paradigmas burgueses pode ser o que lhe fez descrever com tanta realidade o feminino. Há uma identificação com a mulher. Flaubert produz com tanto realismo que parece estar encarnado em uma personalidade feminina. As tantas máscaras da feminilidade utilizadas por sua personagem são comprovações de que o autor sabia, por intuição, que A mulher não existe.

Cada mulher em particular é um sujeito em construção, e a feminilidade, um conjunto de representações que tentam produzir uma identidade entre todas as mulheres; mas que, por isso mesmo, não pode dar conta das questões de cada sujeito. (KEHL, 2008, p.111).

Kehl (2008) comenta que, em 1902, o psiquiatra Jules de Gaultier utilizou o termo “bovarismo” para designar um quadro que guardava semelhanças com o paradigma de feminilidade em crise no século XIX, marcado por conflitos gerados pela insatisfação que davam origem à fantasia de ser outro e ter livre arbítrio. Tais ideias constituiriam uma patologia, com sintomas histéricos ou paranóicos.

Não é coincidência que data dessa época o surgimento da psicanálise. Foi pelo discurso ligado à realidade das mulheres que Freud pôde propiciar nascer uma construção inédita sobre o feminino na sociedade.

### **2.1.2. A Viena freudiana**

Mota (2000) afirma que, no fim do século XIX e início do século XX, Viena passava por mudanças sociais que chegavam a ser contraditórias. Por um lado, era um pólo cultural efervescente, com mudanças significativas em seus costumes, com a emancipação das mulheres e inovações na arte, na arquitetura, na filosofia e nas ciências. Construía-se uma cidade hospitaleira e plena de prazeres e uma sociedade burguesa elegante, de vida segura e estável. Por outro lado, os cidadãos eram questionadores e exigiam seus direitos, apresentando uma atração pela vida psíquica. Tratava-se de uma confluência de opostos, como amor e morte, decadência e inovação, que levariam a grandes mudanças sociais. A moral burguesa era desmascarada pela prostituição e a mulher libertava-se aos poucos de suas amarras, cedendo lugar a uma nova realidade<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Pode-se citar como exemplo da curiosidade pelo feminino a obra de Klimt, considerado o pintor do inconsciente, que traz intensa simbologia, como serpentes e mulheres castradoras superando o homem. Suas figuras entrelaçam-se e misturam-se nos limites entre o eu e o outro (MOTA, 2000).

Na Viena de Freud, virou clichê acreditar que a psicanálise era apenas produto da sociedade vienense e do espírito judeu, o que, segundo Roudinesco e Plon (1998), exasperava o Pai da psicanálise. Sua criação foi muitas vezes vista como modismo, epidemia psíquica e sem valor científico, ao que ele respondia com a confirmação sobre a universalidade do inconsciente e da histeria (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Freud dizia ter profunda aversão a Viena, alegando que não encontrava ideias novas na cidade. Afirmava, assim, seu desinteresse pela modernidade, preferindo sempre os clássicos (ROUDINESCO; PLON, 1998). O pai da psicanálise se negava a ser influenciado pelo modernismo e pela moral e a cultura da época. Surgia ali uma preocupação com o indivíduo, gerando uma concepção de homem como criatura com sentimentos, instintos e subjetividade e a mulher, como um ser em busca de sua emancipação.

Apesar do posicionamento freudiano, não é possível pensar sua teoria sobre o feminino sem considerar o lugar da mulher na sociedade e na cultura de sua época. Assoun (1997) alega que o discurso de Freud sobre o destino da mulher está alicerçado em sua experiência clínica acerca de um querer feminino na cultura. Logo, o enunciado cultural sobre o feminino tenderia a estar atrelado às questões clínicas (ASSOUN, 1997).

A psicanálise possibilitou questionar a relação da mulher com a cultura, permitindo superar a oposição entre o mundo interno psicológico e a realidade externa. “A mulher também funciona tanto como sede de seus sintomas quanto como sintoma da *Kultur*” (ASSOUN, 1997, p. 147). Em Freud, essa dimensão é intrínseca e merece ser destacada no plano sociopolítico, além do clínico.

### ***2.1.3. A mulher na moral civilizada***

Parece mesmo um paradoxo o ódio que Freud expressava por Viena e sua frivolidade moral, social e cultural e a influência daquela cultura em seu pensamento, pensamento sobre a questão da mulher. Segundo Assoun (1997), Freud comentou em 1883 com sua companheira Marta sobre um ensaio de John Stuart Mill a respeito da emancipação das mulheres, muito popular na sociedade vienense. Alegou que a lei e os costumes deviam à mulher os direitos dos quais ela foi privada, mas que sua situação deveria continuar a mesma: cuidar dos afazeres domésticos e não ter para com a casa a responsabilidade de sustentação financeira. Para ele, a mulher já tinha ocupações demais com a vida doméstica. Assoun (1997) diz que Freud critica Mill, alegando que o defensor da emancipação feminina tivera um casamento conturbado e em sua biografia nada dizia sobre as mulheres, e se as defendia, por que dava tão pouca existência a elas?

Freud não estava de todo errado, segundo Kehl (2008), a obra de Mill foi escrita à quatro mãos com sua esposa, teria mais das idéias das experiências da sr<sup>a</sup> Mill, do seu primeiro casamento, e da sua relação extraconjugal com Mill, do que do próprio Stuart Mill. Harriet Taylor, como era chamada a esposa de Mill, em seu contrato de casamento colocou a condição de poder expressar as suas idéias feministas, Mill apaixonado, declarava concordar e ainda exigir que sua esposa conservasse sua liberdade sobre si e sobre a herança deixada pelo marido morto.

Assoun (1997) alega que isso anuncia uma ambivalência no inconsciente. “Realmente devia haver um elo secreto, pressentiu Freud, entre o discurso da Emancipação da Mulher e a renegação da feminilidade, naquele racionalismo abstrato do primeiro ‘feminismo masculino’” (ASSOUN, 1997, p.151). Freud supunha que a socialização do destino da mulher encobria uma sutil negação da feminilidade.

O lirismo da invocação da Mulher, por mais sincero que fosse, encobria uma renegação da feminilidade; como no caso de Mill, celebrando tão intensamente a Mulher e apagando o que aspirava a se expressar de sua singularidade. (ASSOUN, 1997, p.151).

Diante de tal questão, era necessário entender a imagem da mulher como algo que não se reduzisse a seu destino natural ou social. A histeria, assim, viria como contestação desse modelo da feminilidade. A influência social no surgimento das neuroses é bem articulada por Freud em 1908 no texto “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (FREUD, 1908/1980). Apesar de ter sido escrito anos antes da sua publicação e de Freud já haver se pronunciado sobre o tema em um memorando a Fliess em 1897, é ele a primeira exposição mais longa sobre o antagonismo entre civilização e vida pulsional. Freud (1908a/1980) alega que o fator sexual é a principal causa das neuroses e relaciona a isso a moral sexual civilizada, constituinte dos comportamentos de homens e mulheres. As pulsões sexuais seriam incontrolláveis forças que, mesmo contornadas pela moral, buscariam sua expansão por meio da sublimação ou da neurose.

Quanto mais severa houver sido a educação da jovem e mais seriamente ela submeter-se às exigências da civilização, mais recerá recorrer a essa saída: no conflito entre seus desejos e seu sentimento de dever, mais uma vez se refugiará na neurose. Nada protegerá sua virtude tão eficazmente quanto uma doença. (FREUD, 1908/1980, p.200).

Freud considerou determinante a influência que a civilização exercia sobre a condição feminina e afirmou que a histeria seria resultado de um conflito, sintoma da moral sexual que barra a mulher em sua sexualidade. Uma patologia com tendência a se manifestar

principalmente em mulheres, por estarem elas submetidas a maiores cobranças da civilização. O que Freud pode escutar das mulheres do início do século XX, foi o impasse que a civilização apontou diante da emancipação das mulheres e ao mesmo tempo as cobranças impostas a elas diante de sua sexualidade. A histeria despontaria como reivindicação do desejo sexual feminino diante de suas contidas possibilidades de realização. Ao retratar o impasse entre as exigências morais e as pulsões sexuais Freud permite pensar a condição da mulher como portadora de um excesso sem lugar para se expressar.

As imposições referentes ao moralismo do casamento eram as mesmas tanto para os homens quanto para as mulheres, mas Freud aponta que os homens tinham mais facilidades em burlar estas normas estando a civilização mais flexíveis com eles. Assim as mulheres estariam mais vulneráveis ao adoecimento diante da dificuldade em lidar com um modelo de moral sexual repressor de suas pulsões sexuais, mas que ao mesmo tempo fechava os olhos para o comportamento libertino masculino. Essa repressão abusiva das pulsões, principalmente nas mulheres, conduziria a uma neurose. A histeria seria um discurso que surge como resultado do impasse da feminilidade.

Foi nesse cenário que Freud iniciou seus estudos sobre a histeria. No texto “Histeria” (FREUD, 1888/1980), aborda a doença ainda muito voltada para as alterações fisiológicas do organismo: “a histeria baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso” (FREUD, 1888/1980, p. 85). Apesar disso, observa que “as manifestações históricas têm, preferentemente, a característica de serem exageradas” (FREUD, 1888/1980, p. 94). Uma contratura histérica causaria uma contração maior do que o próprio limite do músculo, excluindo a hipótese de que sua origem fossem lesões orgânicas.

O autor admite que as condições funcionais da sexualidade desempenhava um papel significativo na histeria (FREUD, 1888/1980), direcionando-a já para uma questão subjetiva – naquela época, para o trauma. Inicialmente, o autor acreditava que a disposição histérica manifestar-se-ia pela rememoração de um abuso sexual vivenciado na infância. As históricas teriam sido seduzidas pelo pai ou seu representante e a lembrança posterior da cena, provocaria uma situação formadora dos sintomas – o retorno do evento como lembrança causaria o trauma psíquico (FREUD, 1893/1980).

O trauma é uma causa incidental frequente na doença histérica em dois sentidos: primeiro, porque a disposição histérica, anteriormente não detectada, pode manifestar-se por ocasião de um trauma físico intenso, que se acompanha de medo e perda momentânea da consciência; em segundo lugar, porque a parte do corpo afetada pelo trauma se torna sede de uma histeria local. (FREUD, 1888/1980, p.98).

Vários casos clínicos são descritos no livro “Estudos sobre a histeria” (FREUD, 1893-

1895/1980). Embora não enfatizem a mulher e a feminilidade, não se pode deixar de observar nesses estudos as primeiras manifestações sintomáticas do feminino na cultura.

## **2.2. Alguns casos clínicos freudianos**

Abordar-se-á aqui os casos de Elisabeth Von R. (FREUD, 1893-1895a/1980) e Emmy Von N. (FREUD, 1893-1895b/1980), pontuando as primeiras considerações de Freud sobre o feminino, ainda que o autor estivesse, na verdade, preocupado em formular sua teoria sobre o trauma como etiologia da neurose histérica.

Para Assoun (1997), em cada um dos casos de Freud relatados no texto “Estudos sobre a histeria” (1893-1895), havia um universo social constituído para uma mulher como sintoma da hipocrisia das relações familiares, que a intimavam a guardar seus segredos e, assim, sacrificar seus desejos. Em todas as situações, havia a figura de um homem que exercia a condição de causa do sintoma: o marido morto, o pai ou tio sedutor, o cunhado amado.

As mulheres descritas eram valorizadas por suas qualidades intelectuais, raciocínio perspicaz e por suportarem as perturbações psíquicas que as afligiam. Essas características descritas por Freud estavam na contramão das estabelecidas para as histéricas pela ciência, que as nomeavam como portadoras de degeneração dos nervos, perturbadas quanto à inteligência e à moral. Birman (2001) diz que, para Freud, foi possível um olhar diferenciado sobre essas mulheres após elas terem sido escutadas, “abrindo-lhes um espaço para o bem dizer” (BIRMAN, 2001, p. 164).

Busca-se compreender através desses casos clínicos, que a investigação da histeria já trazia em seu bojo algumas questões obscuras sobre a feminilidade. E que foi a partir dos primeiros casos clínicos, através do seu material recolhido que Freud pode caminhar para um comparativo do funcionamento humano com a história do Édipo Rei e fundar sua teoria sobre o Complexo de Édipo que circundou por toda a sua obra e permitiu grandes avanços na compreensão da estrutura humana.

### **2.2.1. Caso Elisabeth**

Em 1892, um médico amigo pediu a Freud que examinasse uma paciente que há mais de dois anos sofria com fortes dores nas pernas e apresentava dificuldades para andar. Elisabeth era uma jovem de 24 anos, inteligente e de aparência saudável, mas nos últimos anos havia passado por alguns eventos que a prejudicaram. Perdeu o pai por doença, a mãe submeteu-se a uma grave cirurgia nos olhos e a irmã faleceu por uma afecção cardíaca após o

parto, sendo que todos esses familiares haviam sido cuidados pela moça.

A relação de Elisabeth com seu pai oscilava entre dois pólos: de amiga e confidente a enfermeira dedicada. Segundo André (1996), o pai acreditava que ela substituía um filho homem e um amigo. Por outro lado, costumava dizer que a filha dificilmente arrumaria um casamento, fornecendo seu legado fálico, que ela aceitava de bom agrado. No período da enfermidade do pai, Elisabeth foi incentivada pela família a ir a uma festa e encontrar-se com o namorado. Ao voltar para casa, deparou-se com uma piora do doente. A partilha do falo paterno com Elisabeth é ameaçada e desmorona, ou seja, a cumplicidade entre os dois só se sustenta sob falsas aparências (ANDRÉ, 1996). A paciente sente-se pressionada entre a alegria por conta da noite e a piora do estado de saúde do pai, constituindo um conflito.

O resultado desse conflito foi que a representação erótica foi recalçada para longe da associação e o afeto ligado a essa representação foi utilizado para intensificar ou reviver uma dor física que estivera presente simultaneamente ou pouco antes. (FREUD, 1893-1895a/1980, p.161).

Outro fato importante veio confirmar o diagnóstico dado por Freud. Elisabeth nutria certa simpatia pelo marido da irmã, com o qual tinha liberdade de conversar. A irmã tinha um casamento feliz e uma relação exemplar de cumplicidade. Com a morte dela, pensamentos impunham-se na mente da paciente “[...] como um relâmpago nas trevas: ‘agora ele está livre novamente e posso ser sua esposa’” (FREUD, 1893-1895a/1980, p.169). A ternura que Elisabeth sentia pelo cunhado era de aceitação impossível à consciência devido a questões morais. Por isso, ela recalca sua ideia erótica e transforma o afeto em dores físicas. Houve uma divisão da consciência e, para evitar uma condição mental intolerável, a conversão surgia como defesa.

Elisabeth refuta as conclusões de Freud sobre seu caso e abandona a análise. Segundo André (1996), o que o analista não podia ainda escutar era que o que estava em jogo ali era um querer saber sobre a feminilidade. Seu desejo não poderia ser reduzido a um desejo por seu cunhado, mas o desejo em ser amada pelo seu pai, ou por um homem, como o cunhado amava sua irmã.

[...] a mola mestra de sua posição [Elisabeth] é da ordem de uma identificação ao desejo do cunhado, mais que de um desejo ou anseio amoroso direto. É a relação entre esse cunhado e sua irmã que constitui o bem mais precioso, pois ela lhe propõe o mistério de uma feminilidade alimentada pelo desejo masculino. Não é, pois, de se admirar que Elisabeth proteja essa relação: o que ela ama não é seu cunhado, mas o desejo que este tem por sua irmã. (ANDRÉ, 1996, p. 130).

O fascínio de Elisabeth pela irmã tão amada por um homem gentil representava segundo André (1996), mais do que uma identificação, a própria encarnação da feminilidade.

A irmã é o objeto de desejo de um homem, evocando a relação que Elisabeth vivia com seu pai, com um diferencial: era então tratada como uma mulher, não mais como uma amiga confidente. Com a morte da sua irmã, Elisabeth é privada de sua referência feminina, e essa ausência ameaça sua necessidade histórica de insatisfação de um desejo, apontando para o insuportável da feminilidade.

### **2.2.2. Caso Emmy**

Freud (1893-1895b/1980) descreve que, no ano de 1889, iniciou o tratamento de uma senhora de aproximadamente quarenta anos, viúva e mãe de duas filhas adolescentes. Apresentava vários sintomas, como movimentos convulsivos semelhantes a tiques, estalidos com a boca, dores no pescoço e gagueira. Ele sugere sua internação em uma clínica de saúde e acompanha-a com curiosidade e empenho, utilizando a técnica da hipnose.

Emmy fala da morte do marido em sua presença no período em que se encontrava acamada, de resguardo pelo nascimento de sua segunda filha. Fala também dos cuidados com o irmão doente, das lembranças de uma infância em que era forçada a comer comida fria por rejeitar o almoço, entre outras reminiscências.

O caso transcorreu com períodos de melhoras e recaídas. Por morar longe de Viena, em um momento de melhora, Emmy volta para casa e abandona o tratamento. Longo tempo depois, tem uma recaída e é tratada por outros médicos, chegando a ser internada em uma clínica psiquiátrica, retomando em seguida o tratamento com Freud.

Freud (1893-1895b/1980) analisa o caso a partir das situações traumáticas vividas pela paciente. Na histeria, a excitação provocada pelo trauma atuaria no sistema nervoso e seria transformada em sintomas puramente físicos.

A excitação, que era originalmente psíquica, permaneceu em sua maior parte nessa esfera, e é fácil compreender que isto lhe confere uma semelhança com outras neuroses, não históricas. Existem casos de histeria em que todo o excedente da estimulação sofre conversão, de modo que os sintomas somáticos da histeria se intrometem no que parece ser uma consciência inteiramente normal. A transformação incompleta, no entanto, e mais comum, de modo que pelo menos parte do afeto que acompanha o trauma persiste na consciência como um componente do estado emocional do indivíduo. (FREUD, 1893-1895b/1980, p.110).

Apesar de Emmy não ter relatado situações de ordem sexual, o autor acreditava que a persistência dos sintomas tinha um fator neurótico, o fato de Emmy viver há anos em abstinência sexual. O desejo teria sido formador de um trauma devido à sua negação a se casar novamente para não prejudicar a herança deixada pelo marido para as filhas. Essa seria a causa do conflito.

Um sintoma destaca-se no caso: um furo na fala, interrompida regularmente por gagueira e estalidos da língua. Foi aí que Freud percebeu que existe algo que o sujeito não sabe dizer de si, desistindo de hipnotizar a paciente.

Assoun (1993) diz que Freud, ao fazer certas exigências a Emmy, coloca-se no lugar do saber e ameaça-a, enquanto ela presta obediência ao discurso do mestre, o que não dura muito. O retorno dos sintomas demonstra que Emmy fazia ecoar o que o analista anunciava, defrontando-o com os não ditos: além do trauma até então trabalhado como causa da histeria, o que mais poderia existir ali? Os casos relatados exemplificam os primeiros estudos freudianos sobre a histeria. Segundo Assoun (1993, p. 52), apesar de já haver discussões sobre a histeria antes de Freud, foi ele “o primeiro a se permitir anunciar, através da histeria em pessoa, um novo saber”.

Nos casos clínicos descritos por Freud, pode-se explorar a experiência traumática como uma abertura para a questão da feminilidade, uma experiência afetiva que penetra como algo invasor no sujeito. Arán (2000), citando Monique Schneider, alega que, pela via do trauma, é possível encontrar alusões ao feminino nas entrelinhas da teoria freudiana, subjacentes ao modelo masculino, fazendo referência à ideia de excesso. A autora usa a imagem do atravessamento e da admissão, em si, de algo como um corpo estranho como modelo da feminilidade. É pela releitura dos casos clínicos freudianos que Schneider explora a experiência traumática como abertura, “[...] como uma experiência afetiva que invade e constitui o eu” (ARÁN, 2000, P. 176).

A neurose, explica Arán (2006), se instalaria como um efeito da penetração no sujeito desta exterioridade insustentável, e, como consequência, o tratamento psicanalítico da histeria se caracterizaria pela permissão da circulação, no plano transferencial, deste corpo estranho invasor. Deste modo, a ‘cura’ se encaminharia na medida que o sujeito pudesse acolher em si essa representação intolerável. É o que diz Arán (2006, p. 146) ao pontuar que “o momento central da análise estaria na idéia de ‘admissão, ou seja, na possibilidade de deixar entrar algo novo no interior do eu”.

Na percepção de Arán (2006), Schneider alerta para a importância de compreender a essa idéia de admissão como sendo uma incorporação desse corpo estranho em uma possibilidade de vivência afetiva, *a posteriori*, de uma experiência traumática infantil, seja ela real ou da ordem de uma fantasia. A força desse movimento em admitir uma representação, enfraquece á medida que se possibilita a tomada de consciência, ou seja, a decifração do afeto correspondente aderido por uma crença, que assume o lugar de verdade. Nas palavras de Arán:

O simples saber reflexivo e intelectual não basta, é necessário ‘a dissolução da distancia representativa’ para que se opere um efeito psíquico. Esta seria a principal tese da experiência freudiana dos primeiros tempos, na qual haveria, segundo a autora (Schneider), uma conjunção entre o psiquismo e o feminino (ARÁN, 2006, p.147).

Essa abertura será trabalhada por Freud anos mais tarde como o excesso trazido pelas pulsões que não encontram investimento. Freud vai enunciar também a concepção da diferença edípica entre os sexos e a conseqüente diferença na formação do supereu. Discutiremos essa questão com mais detalhes no último capítulo.

A primordial contribuição de Schneider aqui nos casos clínicos, é que se pode enunciar a questão de excesso como uma condição sem representação e ainda neste momento tão enigmática que Freud, só pode compreendê-la anos mais tarde.

Nas primeiras experiências psicanalíticas, é possível ver surgir indícios da feminilidade através da teoria do trauma, mas Freud abandona a ideia da sedução real como a origem das neuroses, passando a buscar os segredos da histeria pela via da estratégia desejante da histérica. A história do encontro de Freud com a histérica é também a cena primária do encontro freudiano com a feminilidade (ASSOUN, 1996).

### **2.3. Outra versão para a neurose feminina**

Em 1896, Freud apresenta para a *Verein für Psychiatrie und Neurologie* o artigo “A etiologia da histeria” (FREUD, 1896/1980), em um período em que parece estar convicto do abuso sexual sofrido pelas históricas. Seus sintomas emergiriam com a cooperação das lembranças e dos laços afetivos. A lembrança real da cena sexual vivenciada prematuramente traria assim uma compreensão para a cura da histeria (FREUD, 1896/1980).

Segundo a nota do editor inglês no texto “A etiologia da histeria” (FREUD, 1896/1980, p. 177), em uma carta a Fliess datada de 1896, Freud comenta que a conferência foi menosprezada pelo público, que “‘os imbecis deram-lhe uma recepção gélida’ e que Krafft-Ebing, que estava na presidência, dissera que aquilo soava como um conto de fadas científico”. O comentário é curioso porque, apesar de ser um momento que marca sua convicção de uma situação traumática como etiologia da histeria, ele fala como se algo a mais estivesse por ser descoberto. Apesar de ser um momento de convicção de que haveria uma situação traumática como etiologia da histeria, Freud fala como se algo a mais estivesse por ser descoberto, discutindo a reação das históricas como “[...] fadada a nos parecer exagerada

porque só conhecemos uma pequena parte dos motivos dos quais decorre” (FREUD, 1896/1980, p.200). Com o passar dos anos, o autor afasta-se das etiologias baseadas na concepção orgânica e outro momento do pensamento freudiano se abre sobre a sexualidade feminina que se demarcado a partir de quando ele admite, também em carta a Fliess, que as histéricas o estariam enganando (FREUD, 1897/1980).

Nessa passagem, é fundamental salientar o processo de Freud da histeria ao feminino. Perceber a questão da fantasia nas mulheres foi um passo fundamental para a concepção de sua teoria do complexo de Édipo, que veremos nos próximos capítulos. Freud confessa a Fliess o grande segredo: “não acredito mais em minha *neurótica* [teoria das neuroses]” (FREUD, 1897/1980, p.357). Afirmava, contudo, que seu engano não o desanimava. Os tratamentos não atendiam a suas expectativas e ele encontrava dificuldade em explicar os sucessos parciais. Freud percebe também que, se estivesse certo quanto à sedução das histéricas, em todos os casos de histeria os pais teriam que ser apontados como pervertidos, o que aconteceria com enorme frequência. Para ele, a histeria só poderia, então, manifestar-se como acúmulo de eventos de origem sexual, geralmente provocados pela abordagem da figura paterna que, conseqüentemente, viria a enfraquecer a defesa do ego. Também lhe ocorreu a descoberta de que “no inconsciente não há indicações da realidade” (FREUD, 1897/1980, p.358), ou seja, de que fantasia e realidade podem estar misturadas e catexizadas ao afeto. A descoberta sobre a “mentira” das histéricas seria o resultado de um trabalho intelectual digno de orgulho, “um episódio prenunciador de um novo conhecimento” (FREUD, 1897/1980, p. 359).

Poucos meses depois, o autor surpreende, em carta a Fliess, com uma referência à lenda de Édipo Rei, fazendo um comparativo entre ela e a relação das crianças com os pais. O termo “complexo de Édipo” só vai aparecer em 1910, quando Freud trabalha sua primeira versão do tema ainda de forma simétrica nas meninas e nos meninos.

Pode-se concluir que Freud já pensava além de seus pronunciamentos, desconfiando da existência de que algo fosse além com relação à histeria, o que o levou a uma curiosidade que permitiu mais tarde uma passagem à feminilidade. Torna-se possível pensar em um desejo das histéricas em serem desejadas pelo próprio pai, posicionando-as, então, como agente ativo e não passivo em sua neurose. É essa fantasia que leva Freud a trabalhar a sexualidade infantil, abandonando o trauma como acontecimento factual e a ideia de uma sexualidade puramente biológica (TORRES, 1995).

### **2.3.1. O caso Dora**

A abordagem do caso Dora é extremamente relevante na presente pesquisa por ilustrar a questão do desejo na histeria e apresentar a insatisfação da histérica que a leva a buscar incessantemente algo que lhe diga sobre sua feminilidade.

Na época dos atendimentos a essa paciente, Freud estava preocupado com a relação da menina com o pai, trabalhando o complexo de Édipo. As histórias contadas pelas pacientes mostravam-se frequentemente voltadas para essa relação, em um discurso que o enganou acerca da sedução pela figura paterna.

No caso Dora não encontramos teorização estruturada sobre o feminino e a mulher, mas chama atenção o fracasso de Freud na condução do tratamento ao forçar Dora a reconhecer sua posição de objeto sexual para um homem, sendo que o que estaria em jogo seria o enigma do que ela representa a outra mulher (ANDRÉ, 1996). Pode-se questionar se não foi esse caso que levou Freud a lançar outro olhar sobre a sexualidade feminina, dedicando-se ao comparativo entre o complexo de Édipo no homem e na mulher, reelaborando-o mais tarde com a história do pré-Édipo feminino.

O caso, descrito no texto “Fragmento da análise de um caso de histeria” (FREUD, 1901-1905/1980), foi redigido entre dezembro de 1900 e janeiro de 1901. Inicialmente, o artigo recebeu o nome de “Sonho e Histeria”, mas Freud optou pelo título atual, que fala de fragmentos de um caso, por considerar que a análise ficou inacabada. Nele, Freud procurou provar suas teorias sobre a neurose histérica e sua etiologia sexual e sobre os conflitos psíquicos, trabalhando a diretriz do tratamento analítico pela interpretação do sonho e pela associação livre. Trata-se do escrito clínico freudiano mais comentado desde sua publicação (ROUDINESCO e PLON, 1998).

A história de Dora (seu nome real era Ida Bauer) é quase um romance dramático envolvendo dois casais, seus pais e seus vizinhos - senhor e senhora K. Foi o pai de Dora que a levou a Freud quando ela tinha dezoito anos, devido ao agravamento de seus sintomas: acessos de tosse nervosa com duração de semanas, enxaqueca e afonia, o que gerava desânimo, rejeição do contato social e hostilidade com a família, além de fadiga e ideias de autoextermínio. O pai já havia, anteriormente, realizado tratamento com Freud e obtido grande sucesso.

A mãe de Dora vivia para os cuidados da casa e parecia ignorar os sintomas da filha. Havia também um irmão. Os pais mantinham relação amigável com um casal de vizinhos, senhor e senhora K. A senhora K havia cuidado dedicadamente do pai de Dora durante sua

enfermidade, o que fortaleceu os laços de amizade entre as famílias, inclusive entre Dora e a vizinha, com a qual costumava passar férias e dividir certa cumplicidade. O senhor K demonstrava intenso carinho por Dora, levando-a para passeios e dando-lhe presentes. Ela cuidava dos filhos do casal como se fossem seus. No casamento do casal de vizinhos, a relação era bastante infeliz.

Dora passa a crer que há investidas do senhor K em relação a ela, e supõe que o pai incentivava as mesmas, sentindo-se, por isso, objeto de troca entre os dois homens – o pai consentiria com o relacionamento do senhor K com a filha e este permitiria a relação amorosa do pai de Dora com a esposa. Há uma cumplicidade entre os casais, em que um homem resguarda o outro. Por outro lado, Dora acoberta também a relação de seu pai com a senhora K, a ponto de cuidar dos filhos dela para viabilizar seus encontros extraconjugais.

Em determinado momento, Dora relata a Freud que o senhor K já havia tentado beijá-la, o que ela manteve em segredo por alguns anos. Depois, admite outra investida amorosa do vizinho quando, em um passeio pelo lago, ele fez propostas amorosas, momento em que ela teria lhe dado um tapa no rosto. O senhor K alega que tais fatos são frutos da imaginação da moça, que sempre havia mostrado interesse por assuntos sexuais de mulheres adultas. Ela, por sua vez, insiste para que o pai rompa relações com o casal e escreve uma carta de despedida, anunciando a possibilidade de um suicídio. A carta é encontrada pelo pai de Dora, o que o motivou a procurar Freud para o tratamento da filha.

A análise de Dora dura três meses e, durante esse tempo, ela relata dois sonhos fundamentais para o processo. No primeiro, há um incêndio na casa da família e, no segundo, a morte do pai. Freud diz que o primeiro sonho revela que a paciente está voltada para a masturbação e apaixonada pelo senhor K, o que a fazia pedir proteção ao pai. Sobre o segundo, Freud é ousado e desvenda para Dora seu interesse nos investimentos sexuais dos adultos. Logo depois, Dora interrompe a análise, para surpresa do analista, que acredita que haveria aí uma denegação do amor pelo senhor K, amor este que encobriria o amor pelo pai e o ciúme da senhora K.

André (1996) explica, contudo, que o que acontece na verdade é que a posição de Dora é sustentada pelo culto da feminilidade desconhecida, exposta no corpo da senhora K. É em relação a ela que Dora tece sua questão. “Se a sr<sup>a</sup> K é exposta ao perigo de ser desvelada, decaída de sua aura de mistério, Dora se sente precipitada, rebaixada ao nível de puro objeto de troca entre seu pai e o Sr K. É contra esse rebaixamento que ela se revolta” (ANDRÉ, 1996, p. 14). Freud não pôde compreender tal impasse ou perceber que Dora, para além de uma histeria, demonstrava a falta de saber sobre a feminilidade. Voltado para o complexo de

paternidade, interpreta o desejo da moça pelo senhor K e ignora os traços da homossexualidade que a direcionam para a feminilidade, negando questões simbólicas e não percebendo a pergunta da paciente sobre o que é uma mulher. Em 1923, contudo, o autor acrescenta ao texto notas de rodapé em que reconhece o erro e “o amor homossexual profundamente arraigado de Dora pela Sr<sup>a</sup> K”. (FREUD, 1901-1905/1980, nota de rodapé, p.101).

Dora demonstrava grande fascínio pela senhora K, observando seu corpo e a feminilidade que ela representava. Lacan (1951/1996), em seu texto “Intervenção sobre a transferência”, trabalha a questão do amor de Dora pela senhora K, o objeto que ela incorporava aos olhos da menina como mistério da feminilidade corporal, como ele mesmo nomeia. Era nessa mulher que Dora acreditava estar a resposta que seu pai lhe negara, o saber sobre a feminilidade. Tanto Lacan (1951/1996) quanto Freud (em sua nota de rodapé) apreendem a questão da homossexualidade. Dora teria se identificado à figura masculina para saber do desejo de um homem por uma mulher e, a partir dessa posição, conhecer o valor de uma mulher no desejo de um homem. Desejaria ser amada por um homem como a senhora K era por seu pai.

Os impasses teóricos com que Freud se depara no caso vão render novas construções em direção ao estudo sobre o feminino e a histeria. É por volta de 1908 que se pode perceber no discurso freudiano uma mudança significativa em relação à condição feminina. Ao se voltar para a sexualidade infantil e o complexo de Édipo, há um deslocamento para a condição do feminino e não apenas da histeria. Ele surge não como condição genital, mas como posição diferenciada para a constituição de um sujeito desejante. Trabalhar a diferença sexual torna-se essencial e Freud (1908b/1980) percebe que a distinção anatômica, ponto de partida da sexualidade fálica, não é o que vai determinar a distinção entre os sexos, e sim o falo no desejo do Outro.

Em suas construções posteriores, a diferença anatômica é valorizada por Freud como questão fundamental do desenvolvimento sexual infantil, cuja percepção traria consequências psíquicas específicas para cada um dos sexos, diferenciando a vivência edípica entre meninos e meninas. Trabalharemos esse tema mais à frente, a partir do desenvolvimento cronológico dos textos freudianos.

### 3. A SEXUALIDADE FEMININA E A FEMINILIDADE

Apesar de alguns teóricos dizerem que Freud não conseguiu separar o feminino da histeria, o autor, diante da necessidade de aprofundar seus estudos sobre a etiologia da histeria, busca resposta no desenvolvimento da teoria da sexualidade, iniciando a partir da investigação da sexualidade infantil e assim, envereda-se por uma distinção entre esses dois aspectos.

Arán (1997) afirma que o corpo inventado para a mulher pela ciência e pelos costumes não comportava a sexualidade. Foi nesse hiato que Freud desenvolveu sua teoria e buscou um novo saber sobre o tema, inscrevendo a sexualidade no registro do inconsciente e apontando, assim, novos destinos para a feminilidade.

Apesar, de Freud ter falado pouco em feminilidade nesta época, foi através da sexualidade feminina que seus estudos desembocaram em uma questão mais além da histeria: a feminilidade.

#### 3.1. A histeria e a feminilidade

Curiosamente, o termo “feminilidade” não é apresentado como verbete em duas destacadas publicações sobre termos em psicanálise: “Dicionário de Psicanálise” (ROUDINESCO e PLON, 1998) e “Vocabulário da Psicanálise” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1992). Roudinesco e Plon (1998, p. ix) alegam em seu prefácio que sua obra tem o cuidado de se opor a tendências de vocabulários descritas em momentos anteriores, evitando assim “[...] uma paráfrase inútil”. Dizem considerar as construções ocorridas ao longo do século, bem como as influências e conceituações históricas da obra de Freud, interpretada por seus seguidores.

A ausência do termo nessas publicações nos remete aos pronunciamentos de Freud e Lacan ao dizerem que a feminilidade é da ordem do indizível, irreduzível a um verbe passível de significado e que poderiam dizer dela os poetas, como sugeriu Freud (1932/1980).

A histórica, nas últimas décadas, tornou-se desconhecida aos estudos da psiquiatria. Observa-se uma tentativa de banir o termo em algumas publicações nosológicas atuais, principalmente nos *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), publicados pela *American Psychiatric Association* (APA)<sup>3</sup>. Segundo Soler (2005), o

---

<sup>3</sup> Segundo Viana (2010), o surgimento do DSM, em 1952, derivou da necessidade de sistematização das classificações de doenças nos Estados Unidos, incluindo as psicopatologias. Atualmente, a APA tem grupos de

psicanalista tende a reconhecê-la em toda parte, como pretexto para não perdê-la. A autora alerta para a frequente confusão que a clínica psicanalítica faz com esse tipo clínico, tendendo a confundi-la com a feminilidade e, por isso, escuta quase todas as mulheres como histéricas, a menos que sejam psicóticas. Lacan sempre insistiu nessa diferenciação, alegando que a histeria é algo muito preciso, diz Soler: “a histérica é o inconsciente em exercício, que põe o mestre contra a parede para produzir um saber” (LACAN *apud* SOLER, 2005, p. 42).

É na relação com o Outro, que é possível localizar a fronteira entre feminilidade e histeria. Há uma diferença entre o desejo de ser o falo e a posição na relação sexual que transforma a mulher em falo. A mulher não é em si o falo, mas que ela o é nas parcerias amorosas, a partir do momento que ela se coloca na relação ela é o falo para o outro, como um complemento do desejo masculino. Ao contrário, o homem só intervém nas parcerias amorosas como o sujeito do desejo. Assim, no nível da relação sexual, da cópula propriamente dita, o homem entra nessa relação enquanto sujeito e a mulher enquanto objeto, pois é ele quem possui o instrumento para direcionar o coito, seu desejo então é soberano em relação a mulher e é nesse nível que ela intervém como falo para o Outro, se deixando desejar (SOLER, 2005).

Portanto, a presença da mulher na relação sexual enquanto coito, não se define de seu desejo, mas que, como afirma Soler (2005), nessas condições é preciso deduzir o desejo feminino. As mulheres não têm obrigatoriedade de se inscreverem na relação sexual, como bem lembra a autora. Freud (1931) aponta para este fato quando descreve para as consequências geradas nas mulheres em relação a inveja do pênis, sendo uma delas a renúncia completa à inserção na sexualidade.

Diante da não obrigatoriedade em se inscreverem em uma relação sexual, a mulher mostra também que quando ela se inscreve em uma relação com um homem, isso pode acontecer de vários modos, como o modo mulher e o modo histérico. A histérica ocupa-se do desejo de ser desejada pelo outro e, para tanto, basta o homem desejar e ela deixar-se desejar. O que está para além desse consentimento é o que demarca o desejo feminino. O sujeito histérico, na relação com seu parceiro, esquiva-se, entre sedução e recusa, na tentativa de constituir-se no que falta ao Outro (SOLER, 2005).

Quanto ao feminino, a autora justifica que ela implica a relação com o Outro, para se posicionar enquanto sintoma, acentuando o fazer gozar. Nas parcerias amorosas, o fazer gozar acentuado pela mulher não impede o fazer desejar que é da condição do outro.

Lacan (*apud* SOLER, 2005) alega que feminino e histeria podem estar em um funcionamento conjunto, mas a histórica identifica-se ao seu desejo de saber sobre o sexo. O sujeito histórico consome na falta e é disso que ele goza, “essa vontade de deixar o gozo insatisfeito é o que define, de maneira precisa, a posição histórica” (SOLER, 2005, p. 52). A histórica não quer gozar, mas também não quer o contrário, o que deseja é ser um mais-ser para o outro, deixando insatisfeito o gozo do Outro, na possibilidade de ser mais uma vez desejada. Deseja ser alguma coisa, um objeto precioso que venha sustentar o desejo e o amor para o Outro.

Já a posição feminina é demarcada por um desejo de gozo – a mulher quer gozar, quer, na verdade, fazer gozar: “o gozo do parceiro vem no lugar da causa do desejo dela” (SOLER, 2005, p.52). Soler (2005) diz que a feminilidade, para se concluir enquanto sintoma, implica a relação com o Outro, afirmando um fazer gozar que aponta para um fazer desejar no Outro. A histórica, diferentemente, passa também pela condição do Outro, mas sustenta ali seu desejo, fazendo-se causa de saber do desejo do Outro.

Os estudos freudianos trazem, em sua ordem cronológica, uma compreensão didática sobre a histeria. Sobre a feminilidade, contudo, não se pode dizer dessa mesma clareza. O conceito surge em Freud mais tardiamente, tomado como enigma, a idéia de “continente negro” (FREUD, 1937). Aran (1997) afirma que o termo é citado na obra freudiana em dois sentidos, ora como o destino da sexualidade feminina (no alemão *weibliche sexualität*), ora como o adjetivo de feminino (*weiblich*). Não é possível esclarecer se o autor tinha clareza da diferenciação dos termos, apesar da questão ter sido motivo de discussões, rastreamentos e revisões de estudiosos de sua obra.

Aran (1997, p.19) propõe que se considere como feminino o que se refere à “[...] dialética da economia sexual, correspondendo ora à posição de passividade, ora à falta em relação á castração”. Quanto à sexualidade feminina, pode ser compreendida como destino dado à sexualidade na mulher, podendo vir a ser realizado ou não. Tanto a sexualidade feminina quanto o feminino estariam atrelados à lógica fálica, ao contrário da feminilidade, que remete a sentidos distintos, apontando, ao mesmo tempo, para um paradoxo:

Por um lado, enquanto a feminilidade referida à castração vai significar a impossibilidade da simbolização no sentido de uma negatividade: o que causa horror, o continente negro, o indizível, a angústia, o enigma; por outro lado, quando relacionada à vida pulsional, pode anunciar uma positividade, uma outra forma de eroginização, não submetida à lógica fálica: o masoquismo erógeno, o período pré-édipo, o afeto, os primeiros destinos da pulsão que fundam o eu real originário. (ARAN, 1997, p.19).

Sobre a positivação da feminilidade, Saad (2002) propõe uma discussão entre os autores Monique Schneider, Monique David-Ménard e Joel Birman para pensar a feminilidade como o modelo dos dois sexos. A referência surgiu no final do século XIX e início do século XX com Thomas Laqueur, historiador, que traz a ideia de que existem dois sexos que apresentam naturezas diferentes e representam os gêneros. O modelo apreende uma diferença horizontal e ontológica entre os sexos. Assim, a feminilidade poderia ser pensada para além da ordem fálica, outra forma de erogenização, em que o que vai ser demarcado como diferença é a singularização (SAAD, 2002).

Saad (2002, p.617) afirma, sustentado pela posição de Freud e Monique Schneider, que o paradigma da feminilidade consiste na aceitação ou admissão de um corpo estranho dentro de si: “Eis a violação do sujeito na experiência de um trauma contínuo. Reconhecer, vivenciar e decifrar o afeto *après-coup* decorrente da experiência traumática do prazer excessivo – fundante do sujeito – constitui, pois, o ‘receber o outro dentro de si’”. A constituição da feminilidade está centrada nas ideias do atravessamento pelo outro, trauma, sedução, afeto e excesso pulsional. Deste modo, a receptividade do sujeito em ser atravessado por essas experiências é considerada como característica essencial à feminilidade.

Birman (2003) alega que Freud no final do percurso, seu discurso enunciou uma nova problemática para a psicanálise, ou seja, Freud formulou outra faceta para a sexualidade, que por um lado completa o campo psicanalítico e por outro o desconcerta e o subverte. Birman prossegue alertando que a feminilidade não será identificada nem com a mulher, nem com a sexualidade feminina, pois a feminilidade envolve algo que transcende a diferença de sexos, ultrapassando a oposição entre as figuras da mulher e do homem.

Assim, afirma Birman (2003), trata-se de outro registro da sexualidade, que além de ser original no percurso teórico freudiano, se caracteriza pela ausência da referência ao falo.

A feminilidade como registro sexual teria como seu critério definidor a inexistência do falo como eixo de construção do sujeito, sendo, pois, uma forma de ultrapassagem da lógica fálica. Com isso, a feminilidade remeteria a algo presente igualmente no homem e na mulher, transcendendo então a regulação pelo falo. (BIRMAN, 2003, p. 51).

De acordo com a justificativa de Birman (2003), as figuras do masculino e do feminino na psicanálise delega ao falo o operador teórico principal, as figuras do homem e da mulher foram definidas de acordo com a lógica fálica. A presença imaginária do falo no órgão pênis do corpo masculino e na sua ausência no corpo feminino compõe a oposição masculino/feminino entre presença e ausência, ou seja, quem tem o falo acredita na sua superioridade ontológica, enquanto que não tem, se vê inferiorizado. Assim se forma uma

hierarquia ontológica dos sexos que formaliza várias conseqüências psíquicas, sociais e culturais.

O registro da feminilidade demarcado por Freud é uma tentativa de ultrapassar a lógica fálica, exatamente porque naquele registro, segundo Birman, a referência ao falo estava ausente. Concluí ele, que é em função da feminilidade com sua finitude e incompletude que interpela o sujeito e o toma de uma inquietação e horror, remetendo a angústia do real e do trauma que se fundariam em sua subjetividade, pois diante do vazio fálico pode-se criar as condições de possibilidades para as saídas da condição de ser. O que se busca aqui são esses indícios que Freud deixou, mesmo que de forma contraditória, em seus escritos sobre a sexualidade feminina.

### **3.2. A sexualidade infantil**

A ciência do fim do século XIX estava voltada para a questão da sexualidade, fazendo dela a causa principal da origem dos sintomas histéricos e promovendo o nascimento da sexologia como ciência biológica e natural. Freud, intrigado com as questões que a condição sexual trazia às patologias, foi o único em sua época a romper com a teoria da sexologia e construir outra versão, ampliando a sexualidade a uma disposição psíquica universal, que apesar de uma condição natural da atividade humana, é a partir dela que se estrutura todo um trabalho para a constituição subjetiva do sujeito. A proposta foi consequência de sua experiência clínica, pautada na escuta das histéricas.

As novas reflexões de Freud sobre a sexualidade feminina estenderam-se, a partir de 1905, ao campo da sexualidade infantil. Iniciadas pelo texto ‘Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade’ (FREUD, 1905/1980), que afirmava que as características biológicas não determinam a estruturação sexual do sujeito, elas acabam por demarcar uma construção específica sobre a sexualidade feminina. O tema desse artigo circula entorno da questão da sexualidade infantil ser perversa polimorfa e apresenta-se fragmentada em pulsões parciais que circulam entre objetos e objetivos perversos. Freud com essa teorização rompe com os conceitos de sexualidade natural e biologista, até então amparados pela ciência de sua época.

Freud não estava preocupado em descrever a diferença sexual através da anatomia ou em decidir a condição do feminino na sociedade, mas em afirmar a existência de uma sexualidade já na infância, a partir de atividades autoeróticas das zonas erógenas.

Prates (2001) diz que esse texto é fundamental para delimitar pulsões sexuais e necessidades naturais do organismo. Freud (1905/1980) nomeia libido a manifestação da

pulsão e alega que a sexualidade humana não é própria dos genitais, sendo qualquer parte do corpo passível de erogeneização, que começaria com os cuidados maternos. Trata-se de uma excitação que se encontra na fronteira entre o corpo biológico e o psíquico, diferenciando-se do instinto.

De acordo com Garcia-Roza (1992) o texto “Os três ensaios sobre a sexualidade” retrata a pré-história da sexualidade e fundamenta Freud para a compreensão do Complexo de Édipo. Cabe ressaltar, no entanto, a inexistência de referências explícitas à teoria do Édipo, a exceção de notas de rodapé acrescentadas posteriormente.

Freud (1905/1980) descreve que a sexualidade está presente desde a mais remota infância e que a sexualidade humana é perversa e polimorfa. Trata-se de uma compreensão sobre a sexualidade humana associada ao conceito de pulsão, uma noção essencialmente sexual e inerente a todo ser humano. As pulsões sexuais infantis agem desde o nascimento e age como uma excitação no corpo em busca de satisfação, provocando um trabalho entre o somático e o psíquico. Com essa formalização das pulsões, Freud provoca outro olhar para a infância e a constituição do sujeito.

Para o autor, a pulsões sexuais têm destinos autoeróticos, encontrando inicialmente satisfação no próprio corpo, pois ainda não há investimento em um objeto externo e elas estão ligadas às condições orgânicas de sobrevivência. Em um segundo momento, elas desligam-se das necessidades básicas e o objetivo sexual passa a ser direcionado a uma zona erógena do corpo, que ao ser marcado e libidinizado pelo outro externo, convoca ao investimento de sexualização.

Freud (1905/1980) atesta que a pulsão está em busca de satisfação, o que poderia levar a sexualidade a certas condutas consideradas perversas se tomássemos como referência o instinto, mas deixam de ser perversas a partir da referência pulsional. O objeto alvo da pulsão é muito variável, o que leigamente poderia sugerir uma perversão. Entretanto, Freud alerta que:

“a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana, e de que a partir dela, em consequência de modificações orgânicas e inibições psíquicas no decorrer da maturação, desenvolve-se o comportamento sexual normal” (FREUD, 1905/1980, p. 217).

Freud conclui que as perversões se afirmam de um lado, como inibições do desenvolvimento sexual normal, mas que de outro lado funcionam como dissociações dele, ou seja, que essas duas formulações das perversões reuniram-se na possibilidade de que a pulsão

sexual do adulto tivera sua origem mediante a conjugação de várias moções da vida na infância em uma unidade, em uma aspiração com um alvo único (FREUD, 1905/1980).

A libido é considerada por Freud (1905/1980) como única por sua natureza ativa. O autor afirmava que as crianças possuíam sexualidade, ao contrário do que se acreditava na época. A afirmativa causou polêmica em seu momento histórico e Freud (1908b/1980) descrevia que as teorias sexuais das crianças já apontavam para a implicação subjetiva que a percepção das diferenças biológicas trazia no desenvolvimento da sexualidade.

Freud (1905/1980) trabalha o auto erotismo para caracterizar um estado original da sexualidade infantil, alegando que a pulsão sexual direcionada para um órgão ou mesmo a uma área erógena, encontra a satisfação sem aderir a um objeto externo. Com esta afirmação, Freud distingue a pulsão sexual do instinto, uma vez que, enquanto o último exige um caminho pré- determinado a um objeto escolhido, a pulsão não está centrada em um objeto específico.

Diante dos estudos das neuroses, Freud reconhece que é possível localizar na sexualidade infantil, desde muito cedo, o início de uma organização dos componentes sexuais da pulsão. Ele distingue a sexualidade infantil em três fases, a saber: a primeira, ainda muito precoce, denominada de “erotismo anal”; a segunda designada como “pré genital”, caracterizada pelo sadismo e erotismo anal e a terceira fase, referente à vida sexual adulta, na qual as moções pulsionais são dirigidas para as zonas genitais. É com a chegada das transformações da puberdade que pode-se perceber a subordinação de todas as fontes de excitação sexual ao primado da genitália, bem como o encontro da pulsão com o objeto de satisfação (FREUD, 1905/1980).

Freud, nesta época, concebe a teoria da sexualidade em um modelo monista, assentado na primazia genital. Para ele, inicialmente as crianças não apresentava diferença no desenvolvimento sexual entre os sexos, uma vez que, na infância tanto a menina quanto o menino desconhecem a existência da vagina, fazendo do clitóris um protótipo de pênis sendo assim a sexualidade de natureza masculina. Para o desenvolvimento normal feminino, a menina deveria abandonar a sexualidade clitoriana (masculina) e, em um movimento de passividade, passar a ter como objeto de investimento a vagina.

Freud mantém este paradigma masculino da sexualidade por muitos anos, mas a questão sobre a diferença sexual anatômica poderia implicar na condição de como a menina se torna então mulher. Esta questão inquietou o autor e foi à partir dos anos 1920, que Freud retorna a essa questão e refaz sua teoria sobre a sexualidade feminina à partir do complexo de Édipo e estrutura um Édipo diferencial para a menina e o menino, tanto na entrada quanto no

seu processo de saída. Alega que para a menina a vivência é mais complicada e em 1931 no texto ‘Sexualidade feminina’ sugere que diante da inveja do pênis no complexo de Édipo a menina depara com três possibilidades para a saída do seu Édipo tardio, a saber: a negação da sexualidade, a tomada de uma posição masculina e a maternidade. Esse ponto será retomado mais detalhadamente no próximo capítulo da pesquisa.

O autor (FREUD, 1908b/1980) trabalha a descoberta das diferenças anatômicas entre as crianças, que, em um primeiro momento, crêem que todos têm um pênis, mas o da menina ainda não teria crescido: “já na infância, o pênis é a principal zona erógena e o mais importante objeto sexual auto-erótico” (FREUD, 1908b, p. 219). A supervalorização que o menino dedica ao pênis reflete sua incapacidade de pensar um ser humano desprovido desse órgão.

Freud (1908b/1980) afirma que o pênis é o único órgão sexual representado no psiquismo humano, registrado pela cadeia de representações. Tanto para o homem como para a mulher, a referência masculina da sexualidade seria a única representação sexual possível, cabendo à mulher o lugar de menos um, de mutilada, como única possibilidade de se posicionar no mundo, restando ao feminino à obscuridade e a condição de enigma.

O interesse de Freud nas teorias sexuais das crianças leva à investigação sobre a fantasia, que ele descreve como bissexual. Roudinesco e Plon (1998) afirmam que o termo “bissexualidade” foi retomado por Freud como conceito central da sexualidade. Embasado no mito de Hermafroditos e nos amores da deusa Cibele, ele tem sua origem no relato de Aristófanes, no Banquete de Platão, sobre o infortúnio de Andrógino, espécie que seria composta tanto de uma metade feminina quanto de uma masculina. Separadas por Zeus, cada metade teria passado a desejar se unir à outra metade, e entrelaçavam-se de tal forma em seu encontro que morriam de inanição por não suportarem a separação.

O termo bissexualidade foi tema de intenso conflito para Freud. Roudinesco e Plon (1998) descrevem que tal conflitiva se deve ao fato de Fliess ter acusado Freud de plagiar o termo das suas teorias. Ao abandonar a teoria da sedução, Freud tomou emprestado de Fliess o termo ‘bissexualidade psíquica’, mas após o rompimento com o amigo, Freud apagaria todos os vestígios deste empréstimo devido tal acusação. Roudinesco e Plon (1998, p.71) alegam que Freud utiliza o termo como “uma disposição psíquica inconsciente que é própria de toda a subjetividade humana, na medida em que esta se fundamenta na existência da diferença sexual”.

Em 1905, no texto ‘Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade’ FREUD (1905/1980) já apontava a bissexualidade como condição originária do sujeito. Três anos mais tarde

(FREUD, 1908c/1980), o autor descreve em ‘Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade’ a natureza bissexual pela qual a fantasia histórica é composta. Ela tem origem na atividade sexual das mulheres na infância e, naquele momento, parecia possuir caráter masculino. Para que um sintoma fosse resolvido, seriam necessárias “[...] duas fantasias sexuais, uma de caráter feminino e a outra de caráter masculino” (FREUD, 1908c, p.168). As fantasias histéricas colocam o sujeito nas relações sexuais dos dois lados, masculino e feminino, possibilitando uma dupla modalidade de gozo e apresentando a divisão do sujeito, que aponta para uma sexualidade dicotômica no ser humano.

A partir da polaridade sexual, a feminilidade será abordada na obra de Freud. Uma única sexualidade dividida em dois pólos, masculino e feminino, é ainda articulada no texto ‘Algumas observações gerais sobre os ataques histéricos’, em que Freud (1909[1908]/1980) discute a expressão das fantasias através dos ataques histéricos, apontando o caráter bissexuais de seus sintomas. A neurose histórica representaria um aumento do influxo do recalque, que, nas palavras de Freud, “[...] apagando a sexualidade masculina, permite o aparecimento da mulher” (FREUD, 1909[1908]/1980, p. 238). A histeria, portanto, parece estar atravessada também pela feminilidade.

Diante das investigações sobre a sexualidade humana, Freud fez grande investimento na teoria do Édipo. Começou a se referir ao complexo de Édipo em 1897, em uma carta a Fliess datada de 1897, mas foi no texto ‘Sobre um tipo especial de eleição de objeto no homem’ (FREUD, 1910/1980) que ele usou pela primeira vez a expressão ‘complexo de Édipo’. O termo “complexo” havia sido utilizado por Jung e Bleuler, com quem Freud havia iniciado um intercâmbio científico, e indica “um conjunto de idéias carregadas afetivamente e que era capaz de conduzir o curso associativo” (BLEICHMAR, 1988, p.10). O conceito, então, refere-se ao material inconsciente que atua na base do desenvolvimento psíquico e sexual dos humanos, em torno do qual Freud articula toda a teoria da sexualidade humana.

O complexo de Édipo demarca a entrada de um terceiro na relação entre mãe e filho (em ambos os sexos): o pai, ou o representante dele, que promove uma separação e deixa representações no psiquismo. Freud usa nessa construção, o mito de Édipo Rei, que, mesmo tentando fugir de seu destino, mata o pai e casa-se com a mãe, fazendo uma comparação com o amor dos meninos pela mãe e a hostilidade que eles reservam ao pai por interferir na relação incestuosa.

O que está em jogo no imaginário da criança é a entrada do pai como terceiro na relação, atuando como interditor e promovendo a lei contra o incesto. Freud (1910/1980) sustentava então, nesta época, que o complexo de Édipo não teria diferenças entre menino e

menina, sendo que, no caso delas, ele aconteceria apenas de forma inversa: a menina apaixonava-se pelo pai e desenvolve seu rancor pela mãe como quem interdita a relação. Esta seria uma primeira constatação freudiana sobre o tema.

Ferrari (2011) discute que os textos freudianos sobre a sexualidade feminina publicados a partir dos anos 1920, o autor não mais sustenta a analogia da psicologia das mulheres à dos homens na relação edípica, e que esta analogia lhe causou sempre a questão sobre a obscuridade que envolvia a vida sexual das mulheres, citada sempre por ele. Segundo ainda Ferrari, as inovações que Freud traz nos anos 20 já apareciam em textos mais antigos, como ‘Carta 75’ de 1897, ‘Alguns tipos de caráter’ de 1916, mas que o próprio Freud ainda não podia perceber. Os artigos ‘A dissolução do complexo de Édipo’ e ‘Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos’, referenciados por Ferrari, serão trabalhados no próximo capítulo, quando tomaremos a condição feminina a partir da história do pré- Édipo.

Na relação edípica, Arán (1997) lembra da escolha objetal da criança pela mãe como fonte de satisfação. Freud chama de barreira do incesto as exigências da cultura que interrompem essa relação direta, que, mesmo assim, permanece como a principal influência nas escolhas de objeto posteriores. A tríade mãe-filho-pai vai ocupar lugar de primazia na obra freudiana, e o complexo de Édipo vai sustentar o funcionamento psíquico, orientador da relação com os pais e com mundo, em um intenso envolvimento de afetos e emoções que implicam o sujeito como algo, “[...] frente ao qual um elemento externo age, seja como um disparador que evoca, ou como algo que permite a exteriorização daquilo que lutava para se deflagrar” (BLEICHMAR, 1988, p.11).

O Complexo de Édipo obviamente pertence à ordem do inconsciente. Nele se estrutura, pode-se assim dizer, um desejo incestuoso do menino de ficar com a mãe sendo que, para isso, é preciso eliminar o pai, implicando uma lógica de oposição: se ele (o pai) possui esta mulher, (a mãe) então eu (a criança), não posso possuí-la, logo ele não deve mais existir...

Investindo no complexo de Édipo, Freud volta a se deparar com a questão da feminilidade como lugar vago e misterioso, ainda a ser decifrada. Destaca-se o texto “Totem e tabu” (FREUD, 1913/1980), no qual ele busca na antropologia social uma resposta psicanalítica para o horror do incesto, fazendo um comparativo dos homens primitivos com os de sua atualidade. Descreve a condição da inveja e do poder paterno, conduzidos por meio das referências totêmicas e dos tabus constituídos pelas sociedades, enfatizando o horror ao incesto como questão essencial às origens das civilizações.

A teoria do complexo de Édipo ganha destaque no texto, uma vez que Freud busca relacionar a família ao clã totêmico e o totemismo aos vestígios da infância. A proibição do incesto seria condição primordial para a preservação dos clãs, mas a necessidade de proibição estaria diretamente ligada ao desejo de comê-lo, havendo, portanto, necessidade de cercear o desejo pela lei. O complexo de Édipo traz uma escolha amorosa de origem incestuosa. Assim como os tabus, a ambivalência aparece na relação da criança com seus pais, pois o objeto amado é ao mesmo tempo temido. O totemismo, por sua vez, é descrito como sistema que é base da organização social, impondo relações de proteção e respeito entre os povos do mesmo clã, um sistema de normas de costumes. Assim, os tabus protegem os totens.

Em seu mito da horda primeva, Freud (1913/1980) discute a tirania dos filhos expulsos que retornam para matar e devorar o pai, derrotando o sistema de horda patriarcal. Sentimentos ambivalentes são destacados pela via identificatória: ao mesmo tempo que o pai é odiado, visto como obstáculo ao gozo, ele é amado e reconhecido por sua força e poder, e essa ambivalência levaria à constituição da culpa. Freud (1913/1980) enfatiza a proibição do incesto como o que torna possível preservar a convivência em grupo, uma vez que todos os irmãos desejavam todas as mulheres, desejando assumir o posto mais poderoso da horda, o lugar do pai. Com o incesto proibido, são obrigados a renunciar às mulheres, mantendo assim a ordem primeva.

Naquele momento, Freud (1913/1980) ainda focava o modelo masculino do complexo de Édipo, não diferenciando o Édipo feminino. Em “Totem e Tabu”, ele diz que as mulheres eram consideradas tabus em algumas sociedades nos períodos de menstruação, pós-parto e também quando se comprometiam com um homem, tornando-se proibidas para os demais. A feminilidade é abordada como um lugar perigoso e sagrado, sendo o totem herdado apenas por via feminina: “originalmente, todos os totens eram animais e eram considerados ancestrais dos diferentes clãs. Os totens eram herdados apenas através da linha feminina. Havia uma proibição contra matar o totem” (FREUD, 1913/1980, p.132).

A importância de compreender as elaborações iniciais de Freud sobre o Édipo, tornam-se essenciais para esta pesquisa porque vai demarcando as dificuldades encontradas pelo autor em sua teoria e vai nos mostrando como o seu processo de investigação, à partir da sua clínica lhe concede o sair da obscuridade em relação a sexualidade feminina. Preso a analogia dos sexos diante do Édipo, Freud até então, não pode sustentar um lugar para o feminino a não ser como obscuro e enigmático.

### 3.3. O sem lugar do feminino

É no texto ‘O tabu da virgindade’, que Freud (1918[1917]/1980) melhor expressou a questão enigmática dada à feminilidade. Ele inicia o artigo discutindo a condição especial impressa pelas culturas sobre a primeira relação sexual da mulher, que chega a ser tabu para os povos primitivos. No casamento, a virgindade determina para a mulher um lugar de sujeição sexual. Segundo Freud (1918[1917]/1980), a expressão “sujeição sexual” foi cunhada por Von Krafft Ebing para designar um alto grau de dependência de uma pessoa em relação a outra com quem convive sexualmente. Freud (1918[1917]/1980) nota, contudo, que a psicanálise deve levar em conta que as mulheres passavam a juventude barrando seus impulsos sexuais, investindo certa quantidade de expectativa na primeira relação sexual como o momento em que essas resistências seriam desfeitas.

Freud (1918[1917]/1980) recorre a estudos de antropólogos sobre os povos primitivos para demonstrar o valor que algumas culturas atribuíam à virgindade. Nas comunidades estudadas, o defloramento acontece fora do casamento e não com o marido, devido aos riscos que poderia trazer para o homem e o casamento em si. Tal atitude embasa-se em crenças como, por exemplo, de que o sangue resultante do defloramento seria assustador por ser percebido como a origem da vida, sem relação com o ato sexual. Além disso, deparar-se com essa experiência colocaria o homem frente ao desconhecido, temor muito vivenciado por esses povos. Finalmente, o tabu da virgindade estaria ligado a um conjunto de outros tabus atrelados às relações sexuais. Por esse motivo, em algumas culturas o hímen seria perfurado na puberdade, e em outras, a perfuração seria feita por uma idosa ou o defloramento ficava a cargo de sacerdotes, dos pais e mesmo de profissionais para tal ato.

Em sua busca, Freud descobre mais tabus referentes às mulheres. Em determinada civilização, elas são separadas dos homens em suas moradias, carregando algo de desconhecido, que promove o receio dos homens.

Talvez esse receio se baseie no fato de que a mulher é diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e, portanto, aparentemente hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e, então, mostrar-se ele próprio incapaz. (FREUD, 1918[1917]/1980, p.184).

Freud declara que os tabus nas tribos são comparáveis à neurose de nossa civilização, que desvela a hostilidade para com as mulheres e o medo dos homens de serem contaminados pela feminilidade. Todos os tabus giram em torno da castração, pois a mulher traz em seu corpo essa marca, provocando receio e hostilidade, a feminilidade fala da ausência do pênis

como mutilação. Aqui pode parecer que o autor se aproxima da questão da feminilidade como algo não simbolizado que pode estar fora da referência fálica, mas entende-se que Freud (1918[1917]/1980) acaba recuando sobre a questão, apontando a ameaça de castração como única causa do horror ao feminino. Tanto o homem quanto a mulher temeriam o encontro com o real da feminilidade, não especificamente pela falta de um pênis, mas por encontrar ali uma marca da dor ao presenciar o sangue na menstruação e na virgindade, que remeteria à proibição de assassinatos e mortes.

Quando não encontra um significante para a feminilidade, Freud avança, mesmo que o nomeando como um lugar enigmático, mas retroage, recorrendo à castração como forma simbólica e imaginária de tamponar a falta de significante da feminilidade.

Fazendo ainda um comparativo de nossa civilização com a dos povos primitivos, quanto à primeira relação sexual da mulher, Freud (1918[1917]/1980) descreve que a perda da virgindade com outro homem, que não seja o marido, ou por incisões, era destacada como forma de proteger os casamentos da ira feminina em relação aos seus cônjuges, despertada pelo defloramento. O feminino, apesar de submisso, apresentava algo de ameaçador que implicava toda sociedade em seus cuidados. Havia um receio dos homens em relação às mulheres por conta dessa diferença ameaçadora. Na sociedade moderna, continua Freud (1918[1917]/1980), o primeiro ato sexual causaria desapontamento e certo repúdio nas mulheres em relação aos maridos, pois despertaria pulsões antigas, referentes à posição masculina da menina antes da castração, que se desfaz após a entrada no complexo de Édipo, direcionando para a inveja do pênis.

Diante da busca incessante da mulher por uma significação para sua condição feminina, Freud volta sempre a inseri-la na lógica fálica, mesmo que tal inserção não dê a ele, respostas para sua incógnita. A mulher, contudo, também não consegue um lugar definido no feminino e, por mais que recorra a algo que a identifique, sempre se defronta com a muralha do significante fálico, impossibilitando-a de saber o que é uma mulher.

Freud (1918[1917]/1980) conclui o texto “Tabu da virgindade” enunciando o desejo da mulher de ter um filho como substituto do desejo de ter um pênis. O autor diz ser muito comum que as mulheres permaneçam frígidas no primeiro casamento, mesmo com a prática comum do sexo, pois as pulsões da infância continuariam presentes em relação ao homem deflorador: “a sexualidade imatura de uma mulher descarrega-se no homem que primeiro lhe faz conhecer o ato sexual” (FREUD, 1918[1917]/1980, p.190). Quando essas pulsões sexuais se dissolvem, a mulher seria capaz de se tornar uma esposa meiga e fazer feliz seu segundo marido.

A diferença sexual apontada por Freud apresenta-se cada vez mais paradoxal. Ora ele insiste em descrever a sexualidade feminina diante da dialética de ter ou não o pênis, ora dá lugar à sexualidade feminina como enigmática.

O texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (FREUD, 1920a/1980) traz o chamado “caso da jovem homossexual” como material para pensar a diferença e os conflitos diante da sexualidade feminina. O autor começa afirmando que a homossexualidade nas mulheres é tão comum quanto nos homens, apesar de bem menos manifesta, pois negada pela lei é muitas vezes despercebida pela psicanálise.

Relata, então, o caso de uma jovem de dezoito anos, bonita e inteligente, pertencente a uma família conhecida e respeitada em Viena e única filha de uma prole de mais quatro irmãos homens. A jovem teria provocado intensas preocupações nos pais por demonstrar grande interesse por uma “dama da sociedade” – nomeação dada às mulheres de pouca reputação e de desconsideração moral –, dez anos mais velha, que não dispensava amantes de ocasião, mas também se dedicava ao amor de uma amiga casada. Tal interesse centralizava as ocupações da moça, que aproveitava todas as possibilidades de encontro com a dama, investigando seus hábitos, mandando-lhe presentes e flores, sem demonstrar preocupação em esconder o fato e criando mentiras para ir ao seu encontro. Freud (1920a/1980) insiste nesta questão de que a jovem não se importava com os rumores da reputação da dama na sociedade, muito menos as interdições feitas por seus pais eram motivos para abalar esse amor.

Os pais da jovem incomodavam-se com o investimento da filha, sendo seu pai um homem respeitado pela sociedade vienense e tendo investido na educação dos filhos homens, mantendo-se, contudo, ausente em relação à filha. A mãe, uma jovem bonita, gostava de seduzir e tinha maior dedicação e afeição pelos filhos homens. Suportava manter-se confiante da filha em relação a seus relacionamentos, desde que ela os mantivesse secretos.

Aos treze anos, a menina apegou-se afetivamente a um menino de três anos, fato que Freud interpretou como o desejo de ser mãe. Logo o afeto foi substituído por um intenso interesse por mulheres mais velhas. Um dia, o pai encontrou a filha andando pelas ruas em companhia da dama: “passou por elas de olhar irado, renunciando nada de bom [...]” - (FREUD, 1920a/1980, p.186). Subitamente, a jovem sai correndo e salta na linha do trem, em uma tentativa de suicídio. Apesar dos poucos danos sofridos, passa algum tempo de repouso, o que a leva a descobrir que poderia conseguir o que queria, pois os pais não se opõem às visitas da dama, que, por sua vez, antes recebia friamente os investimentos da moça e passou a ser amistosa. Passados seis meses de tal incidente, a jovem é levada a Freud pelo pai.

Freud (1920a/1980) aponta para a dificuldade advinda do fato de a jovem ter sido trazida pelo pai em vez de ter procurado o tratamento por conta própria, sendo que, em seu ponto de vista, a moça não apresentava nenhum sintoma histérico ou queixa. O objetivo do pai seria, portanto, a remoção da homossexualidade. Freud fala das dificuldades da psicanálise diante de tal demanda, mas aceita atender a jovem, levantando uma questão por todo o tratamento: como uma mulher se desvia de sua trajetória feminina e torna-se homossexual? A menina parece não se preocupar com sua condição, mas se propõe a se dedicar ao tratamento por amor aos pais.

Freud (1920a/1980) afirma que, na infância, a paciente teria passado pelo complexo de Édipo sem transtornos e, somente mais tarde, teria substituído o pai por um irmão mais velho como objeto de amor. Na relação afetiva com uma criança, aos treze anos de idade, seu desejo de maternidade desponta. Até então, mostra-se bem orientada no que se espera da sexualidade feminina, aquela que teria na inveja do pênis o fim da sexualidade infantil. Mas não foi esse o destino da jovem. Seu desinteresse pela criança à qual se apegou desfaz-se na mesma época em que sua mãe engravida e nasce outro irmão, voltando-se, então, para as mulheres mais velhas.

Freud inicia suas interpretações do caso referenciando-se aos sonhos apresentados pela paciente. A análise revela ser a mulher amada uma substituta de sua mãe, que engravida na puberdade da jovem, momento em que está revivendo seus sentimentos edípicos como o desejo de ter um filho do pai. Sente-se, então, traída e magoada pelo pai e, conseqüentemente, pelos homens, renunciando à sua feminilidade e buscando outro objetivo para sua libido.

[...] após seu desapontamento a jovem repudiara inteiramente seu desejo de um filho, o amor dos homens e o papel feminino em geral. É evidente que, nesse ponto, algumas coisas bem diferentes poderiam ter acontecido. O que realmente ocorreu foi o caso mais extremo. Ela se transformou em homem e tomou a mãe, em lugar do pai, como objeto de seu amor [...]. (FREUD, 1920a/1980, p.197).

A escolha homossexual trazia outro ganho, diminuindo sua hostilidade em relação à mãe. Ao desistir dos homens, deixava-os para sua mãe, não competindo mais com ela. A escolha da dama, que apresentava características físicas semelhantes às de seu irmão, satisfazia ao mesmo tempo seus desejos masculinos e femininos, tocando a questão da bissexualidade. A jovem assume uma posição masculina, trocando de identificação sexuada e colocando a sua mãe no lugar do pai enquanto objeto de amor. Mesmo que ainda timidamente, a relação ambivalente com a mãe surge desde o início do desenvolvimento sexual infantil, que no caso da jovem é revivido. Mais tarde, essa condição terá grande repercussão sobre a teoria do desejo feminino.

Kehl (2008) afirma, sobre o caso da jovem homossexual, que os ideais de identificação feminina concentrados na figura materna eram insuficientes para sustentar sua transformação em mulher. A dama por quem a jovem se apaixona vai condensar suas duas tendências amorosas, a figura do pai e da mãe. Por outro lado, também possibilitava a marca de outra sexualidade, com objetivos bastante diferentes do casamento e da maternidade. Um modelo de sexualidade fácil, que atraía os homens e portava um segredo sobre a condição do prazer. Kehl (2008) questiona se a jovem não estaria à procura de um significante que não o da maternidade, que pudesse apontar as vantagens que uma mulher faz de seu próprio sexo.

A posição edipiana da menina na obra de Freud até então, de amar o pai e desejar ter um filho dele, é ameaçada pela descoberta da relação ambivalente com a mãe. O amor ao pai vem encobrir uma posição amorosa mais antiga, o amor pela mãe, que não pode ser substituído. No caso da jovem homossexual, bastou uma decepção no amor ao pai para que o antigo afeto direcionado à mãe voltasse à tona.

Este amor antigo pela mãe é tanto mais sólido quanto se alimenta do narcisismo, podendo aquela que ama identificar-se com seu objeto, nivelando assim a separação de planos entre a identificação sexuada e a escolha de objeto. (ANDRÉ, 1996, p.164).

O caso da jovem homossexual possibilitou a Freud, outro olhar para a relação da menina com sua mãe, colocando em xeque a tão resistente analogia edipiana entre os sexos. É curioso como, no ano em que Freud parece não se contentar mais com a simetria do Édipo (1920), ele retoma o caso Dora e acrescenta algumas notas de rodapé sobre o texto escrito há quase vinte anos, considerando a questão da homossexualidade de Dora em relação à senhora K, não percebida na época do caso. O complexo de Édipo possibilitou a Freud um avanço em seus estudos sobre a sexualidade, mas por muitos anos também funcionou como uma muralha, encobrindo os indícios que apontavam para a singularidade da sexualidade feminina.

A descoberta da fixação infantil da menina à mãe como um amor anterior ao pai vai permear as pesquisas de Freud nos próximos anos. É a partir de então, nos anos 1920, que outro lugar para a sexualidade feminina vai demarcando, não apenas através do paradigma masculino, mas também de referências que Freud pôde escutar das mulheres em sua clínica e que, até então, não possuíam lugar na significação simbólica e imaginária.

Foi exatamente por o desenvolvimento da sexualidade feminina não caber mais na referência do Édipo masculino que a feminilidade pôde ganhar um novo olhar aos construtos de Freud.

#### **4. A FEMINILIDADE E A CONTROVÉRSIA DA PRIMAZIA FÁLICA**

Os anos 20 representaram uma virada na obra freudiana. A descoberta da relação ambivalente da menina com sua mãe no processo edípico modificou em muito, o que Freud havia então defendido da posição edípica clássica da menina com o pai: amá-lo e desejar um filho dele.

A primeira resposta freudiana à sexualidade feminina foi sua analogia com o desenvolvimento sexual masculino (FREUD, 1905/1980). Seus estudos prosseguem e, em 1908, o autor discorre sobre a inveja do pênis nas meninas e o desejo de serem meninos, acreditando que seu pênis ainda não havia crescido, mas que se desenvolveria ao longo do tempo.

Segundo Birman (2001), o contexto edípico no discurso de Freud complexificou-se com o tempo, passando a não existir apenas amor e atração erótica referente à mãe e ódio e repulsa para com o pai. O menino desprenderia amor e ódio pelas duas figuras parentais, contrapondo as posições de atividade e passividade e inaugurando a ambivalência no processo edípico. A lei da interdição do incesto regularia suas trocas eróticas e afetivas com seu par parental, direcionando sua identidade e seu destino sexual. Freud busca fortalecer sua teoria com o texto “Totem e Tabu” (FREUD, 1913/1980), inscrevendo a culpa do menino na trágica trama na qual amor e ódio, erotismo e desejo de matar o pai se equivaleriam. Os registros do parricídio originário permeariam no imaginário de cada geração, condição constitutiva da subjetividade.

Toda essa trama foi sempre narrada por Freud sob a lógica do complexo de Édipo masculino, sendo a condição feminina deixada de lado e ficando as obscuridades e os inomináveis em relação à mulher, sem resposta (FREUD, 1918 [1917]/1980). É ao longo do discurso freudiano que a feminilidade vai aparecendo ora como enigma e obscuridade, ora como análoga a sexualidade do menino. Questões que permeavam os estudos de Freud: por que a menina abandonava a mãe e ia ao encontro do pai em busca do objeto de amor? Se o menino se inspira no temor à castração, onde se assentaria o movimento feito pela menina?

Nossa proposta neste capítulo é partir dessas questões, que surgem na teoria freudiana em 1920. Os temas abordados no capítulo anterior, demarcam as dificuldades de Freud em nomear a feminilidade diante de sua teoria discutida até então. Até o momento a menina foi dita como um homenzinho sem pênis e a mulher não fora construída, ficou sem um lugar, sem um simbolismo que a representasse, um enigma.

A partir do caso da jovem homossexual, Freud inaugura outro olhar sobre a sexualidade feminina. O contexto edípico específico da menina portaria uma homossexualidade estrutural: todas estariam submetidas a uma relação com a mãe, tomando nela uma posição masculina. Foi preciso que a teoria se desenvolvesse para que fosse possível elaborar, mais tarde, uma posição exclusivamente feminina, assimétrica quanto à referência masculina.

#### **4.1. A história do pré-Édipo feminino ao pós-Édipo**

Antes de adentrarmos a questão do pré-Édipo, abordaremos a estruturação freudiana da pulsão de morte como resto, que vai transformar as construções do autor sobre a feminilidade.

##### **4.1.1. A pulsão de morte e o feminino**

Desde o texto “Projeto para uma psicologia científica”, Freud (1895/1980) aponta para uma tendência do ser humano a uma condição de inércia que, mais tarde, ele denomina princípio de prazer e que, naquela época, chamava de princípio de constância. Para Birman (2003), há uma insistência de Freud em seus estudos tanto clínicos quanto metapsicológicos na dimensão da quantidade das excitações psíquicas, o que evidencia uma preocupação com a questão do excesso e da economia das excitações. Esse excesso está sempre sendo retomados no discurso para dar conta do problema do afeto e da etiologia das neuroses. Freud (1920b/1980) trabalha o psiquismo do ponto de vista econômico e correlaciona o princípio do prazer ao princípio de constância, que tem como função manter a quantidade de energia mais baixa para conservar o prazer. Logo, o prazer corresponderia a uma diminuição da excitação, e o desprazer a um aumento dela.

Birman (2003) enuncia que o conceito de pulsão foi centrado na ideia de imposição, ficando a mesma como uma força, excitação em quantidade que se impõe pela lógica da irrupção. Essa irrupção, prossegue o autor, colocaria o sujeito a trabalho na tentativa de dominá-la, mas como ela não se esgota, tal trabalho seria infundável. A pulsão, então, é algo inquietante que se impõe ao psiquismo, estando além da possibilidade de controle do sujeito.

Em ‘A pulsão e suas vicissitudes’, Freud (1915/1980) postula uma transformação no conceito inicial de pulsões. Coloca em dúvida a correlação do princípio da inércia com o princípio do prazer e define as pulsões em uma condição não só qualitativa, mas também quantitativa, de modo que ela ganha força e autonomia no registro da representação dos afetos

e dos excessos. O autor exemplifica a questão com situações em que o recalque causa satisfação direta ou substitutiva e o eu vivencia-a como desprazer, além das situações em que as pulsões resistem ao princípio da realidade, também levando ao desprazer.

O conceito de pulsão vai sofrendo desdobramentos até que em 1920 Freud radicaliza suas elaborações anteriores com o texto ‘Além do princípio do prazer’. Ele cria o conceito de pulsão de morte, uma pulsão sem representação. Até essa data, as pulsões eram apresentadas no dualismo entre pulsões sexuais e pulsões do eu, substituído, assim, por uma nova polaridade: pulsões de vida e pulsões de morte.

Freud (1920b/1980) trabalha o psiquismo do ponto de vista econômico e correlaciona o princípio do prazer ao princípio de constância que tem como função manter a quantidade de energia mais baixa para assim conservar o prazer, ou seja, o prazer corresponderia a uma diminuição da excitação enquanto o desprazer um aumento.

Freud exemplifica tal trabalho com as situações em que o recalque vai causar uma satisfação direta ou substitutiva e o eu vai vivenciá-la como um desprazer, como também em situações em que as pulsões resistem ao princípio da realidade, também levando ao desprazer.

O autor acrescenta a essa elaboração a questão da compulsão à repetição, que também atua contrariamente ao princípio do prazer. Ela foi observada por Freud (1920b/1980) em brincadeiras de crianças, em pacientes que repetiam os acontecimentos traumáticos da infância e em neuroses traumáticas que trazem à tona lembranças desprazerosas. Nessas situações, a repetição marca a presença de uma pulsão que Freud descreve como força estranha, demoníaca:

As manifestações de uma compulsão à repetição (que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como entre os eventos do tratamento psicanalítico) apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força “demoníaca” em ação. (FREUD, 1920b/1980, p.52).

Freud (1920b/1980) afirma que as pulsões estão sempre a serviço da busca de uma primeira experiência de satisfação, mas como as demais experiências são sempre incompletas, o prazer obtido é sempre menor do que o desejado, causando a permanência de uma tensão que vai pressionar constantemente o aparelho psíquico em busca da satisfação impossível.

A partir da elaboração dessa pulsão que fica sem lugar na simbolização, Freud vai nomeá-la de pulsão de morte, surgindo uma reestruturação na sua teoria do funcionamento psíquico. As pulsões antes nomeadas como pulsões do ego e sexuais, passam a ser elaboradas como pulsão de vida e de morte sendo as responsáveis pela condução do funcionamento psíquico.

Birman (2003) enuncia que o conceito de pulsão foi centrado na idéia de imposição, ficando a mesma como uma força e como excitação em quantidade que se impõe ao sujeito pela lógica da irrupção. Esta irrupção, prossegue Birman, colocaria o sujeito a um trabalho sobre as excitações na tentativa de dominar as forças da pulsão como irrupção, mas como a pulsão é uma força que não se esgota, as tentativas de dominar as excitações seriam infundáveis.

A pulsão então se apresenta como algo infundável e inquietante que se impõe ao psiquismo estando além da possibilidade de controle do sujeito, algo como uma força que se impõe como mais forte que o próprio sujeito.

O conceito de pulsão de morte retoma no percurso freudiano a questão econômica na metapsicologia, algo irrepresentável que insiste em repetir, um resto na cadeia de significantes, como o real dito por Lacan anos depois. Trata-se de uma tentativa do inconsciente de fazer representar o que não é possível de ser representado. A pulsão de morte convoca Freud a retomar o que ele tentou dissipar ao longo de seus estudos, que aparece na questão traumática dos casos clínicos, ultrapassa o complexo de Édipo e é tabu e horror nos povos primitivos. Um furo que pulsa e insiste em não se inscrever.

Assim, a pulsão de morte provoca o desamparo do sujeito. Devido à compulsão à repetição pelo que não se inscreve, a situação torna-se traumática para o psiquismo. E como aponta Birman (2003) sobre a pulsão, uma inscrição que não concebe nenhum significante que o represente. Não à toa, o termo feminilidade (em alemão, *weiblichkeit*) aparece com maior frequência na obra freudiana a partir de 1920. Seria o enigma da feminilidade sendo retomado a partir do conceito de pulsão de morte?

#### **4.1.2. A primazia fálica**

Para Torres (1995), é o texto ‘A organização genital infantil’ (FREUD, 1923/1980) que vem delinear de forma mais clara o novo momento no pensamento freudiano sobre a feminilidade. Ele é um acréscimo aos ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’, escrito em 1905. O autor inova ao tratar da primazia fálica considerando o conceito de falo, não mais o pênis.

Freud inicia o texto discorrendo sobre a escolha do objeto, que seria característica da puberdade e também frequente na infância. O autor explica:

A totalidade das corrente sexuais passou a ser dirigida para uma única pessoa em relação à qual elas buscam alcançar seus objetivos. Isto é, então, a maior aproximação possível, na infância, da forma final assumida pela vida sexual após a puberdade. A única diferença está no fato de que na infância a combinação dos

instintos parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não o foram de forma alguma. (FREUD, 1923/1980, p. 180).

Nesse momento de sua obra, Freud (1923/1980) afirma que a proximidade da vida sexual da criança com a do adulto vai muito além da escolha de objeto. O que está em jogo não é apenas a diferença dos órgãos genitais, mas a primazia do falo. O próprio autor diz que já não se satisfaz mais com a afirmativa de que “no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não foi de modo algum” (FREUD, 1923/1980, p.180). Durante o ápice do desenvolvimento sexual infantil, surgiria um significativo interesse pelos genitais e suas atividades, ainda em desencontro com a maturidade. Ainda assim, a característica da organização genital infantil é diferente da vida adulta, pois o que está em consideração para os dois sexos seria o órgão genital masculino.

É neste texto de 1923 que Freud vai reestruturar a teoria em que afirmou em 1908 no artigo ‘As teorias sexuais infantis’ que não havia diferença entre os sexos no desenvolvimento sexual durante a infância. Ao redefinir suas construções sobre a sexualidade infantil, Freud introduz o primado do falo. André (1996) comenta que o termo ‘falo’, impõe uma condição, pois se o falo guarda proximidade com o pênis, é na possibilidade de sua ausência ou mesmo na própria ausência é que ele será designado. Na observação do menino diante da anatomia feminina, não é a existência do pênis enquanto membro que é afirmada, mas sua condição de cortado. É como se ele existisse e por algum motivo foi perdido, revelando a possibilidade da castração, a criança, então, temerosa, vai vivenciar o confronto com a mesma. A criança compreenderia o sexo feminino como a própria falta, instaurando o falo como sua condição simbólica.

Com a introdução do primado fálico na elaboração do desenvolvimento sexual infantil, a idéia de uma simetria dos órgãos genitais para ambos os sexos é enfraquecida e o falo assume valor como representante dos mesmos, por seu jogo de presença-ausência, demarcando a falta tanto para a menina como para o menino, algo que pudesse representar o objeto de desejo de ambos. Apesar de Freud (1923/1980) afirmar não poder discutir esses processos na menina por desconhecer sua organização sexual, ele diz da depreciação que as crianças fazem às mulheres por elas não serem possuidoras de um pênis. A representação fálica aparece, portanto, como algo perdido na mulher, castração devido a uma punição.

A premissa fálica demarca as diferenças entre o Édipo masculino e feminino, que se organizam diante da questão da falta, representada no psiquismo pelo falo. É a significação

fálica que vai possibilitar ao sujeito posicionar-se em relação ao desejo do Outro, instaurando um gozo a partir do falo.

Freud (1923/1980) demarca a diferença entre o fálico e o genital e argumenta que o desenvolvimento sexual passa por transformações sofridas pela polaridade de sexo. No primeiro tempo do desenvolvimento sexual infantil, a antítese introduzida da organização libidinal é sujeito-objeto, pois há a escolha de um objeto e um sujeito que o escolhe, e é quando o sexo ainda está por vir, não existindo ainda masculino-feminino. Em segundo momento, a antítese desta organização é a de ativo-passivo, sendo esta dominante. No terceiro tempo da organização genital infantil, existe masculinidade, mas não existe feminilidade, a antítese existente é entre castrado-não castrado. É somente após o desenvolvimento sexual ter atingido a maturidade, na puberdade, que a polaridade sexual é compreendida como masculino e feminino. A masculinidade é associada a um sujeito de posse de um pênis e à atividade, enquanto a feminilidade é associada ao lugar de objeto e à passividade (FREUD, 1923/1980).

Freud aponta, aqui, para indícios além do falo. Nas fases do desenvolvimento da sexualidade – oral, anal, fálica e genital –, essa última marcaria o acesso tanto ao feminino quanto ao masculino, ambos em relação intrínseca. Para existir o pênis, é preciso existir a vagina como seu abrigo, nas palavras de Freud, “a vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero” (FREUD, 1923-1980, p.184).

Na fase fálica, então, segundo Freud, a vagina é pelo menino e pela menina desconhecida, por sua invisibilidade, e o genital é desconsiderado em sua função fisiológica e reprodutiva, o que impõe é a condição do comparativo masculino-feminino. Condição esta sustentada na aparência de ter ou não ter o pênis/falo. Freud passa a partir de então a usar com mais frequência a expressão ‘polaridade sexual’ para se referir às distinções elementares entre o masculino e o feminino. A polaridade sexual reside aí, não mais no fálico, que desconsidera o genital e permanece na ordem do comparativo. O enigma da sexualidade feminina aparece, então, como o sexual-genital – no que Freud (1924/1980) descreve um ano depois como ‘a anatomia é o destino’.

Freud, em um jogo de ideias paradoxais, avança e recua até o fim de sua obra nessa questão do feminino a partir do falo e de algo como excessivo e enigmático que fica sem resposta.

### 4.1.3. *Entre a menina e sua mãe*

A concepção do complexo de Édipo foi trabalhada desde muito cedo na obra freudiana, porém, é no ano de 1924, no texto “A dissolução do complexo de Édipo”, que Freud o situa como fenômeno central do período sexual da primeira infância, dando agora ênfase ao desenvolvimento sexual diferenciado entre meninas e meninos.

Freud (1924/1980) explica que, no menino, o amor dedicado à mãe é destituído no complexo de castração. Ele vivencia o conflito de sua libido dirigida à mãe em um Édipo positivo, tendo interesse em manter em segurança seu pênis e por isso declinando da vivência edípica. Na menina, o complexo de castração é despertado pelo conhecimento do pênis no menino, o que a levará a um sentimento de inferioridade, voltando-se para a inveja do pênis. Busca, então, na figura do pai, um filho dele como substituto do pênis tão desejado, e o Édipo é então promovido.

No menino, há uma identificação ao pai, cuja autoridade é introjetada no ego, formando o núcleo do superego: a ameaça da castração possibilita a destruição da organização fálica, preservando o órgão e introduzindo o período de latência. A menina, por sua vez, não teme a castração, por já ser castrada, seu complexo de Édipo direciona-a para o desejo de ter um filho do pai, que mantém por muito tempo – o Édipo seria abandonado lentamente, na medida em que esse desejo não se realiza.

Freud trabalha mais detalhadamente a diferença do processo edípico entre menina e menino, dezoito meses mais tarde, no texto ‘Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos’ (FREUD, 1925/1980). É a primeira vez que ele coloca a questão de como o complexo de Édipo ocorre na menina, não se contentando mais com um desenvolvimento simétrico.

Aqui a exigência feminista de direitos iguais para os sexos não nos leva muito longe, pois a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico. “A anatomia é o destino”. (FREUD, 1924/1980, p.222).

Até então, o desenvolvimento da sexualidade infantil era descrito sob a referência do masculino, apesar de, em 1920, no caso da jovem homossexual, Freud avançar com o pré-Édipo na menina. A questão que se abre na análise daquele caso é retomada por Freud, que se ocupa, então, em entender se a relação da menina com o pai a partir do complexo de Édipo é apenas uma substituição da relação com a mãe ou é uma alteração que já aponta para um saber sobre a feminilidade.

Freud (1925/1980) vai demarcar a existência de uma diferença para além da anatômica entre os sexos. A investigação da obscura sexualidade feminina transcorre, a partir

daí, voltada para o desenvolvimento psíquico das mulheres. O autor percebe que “nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos” (Freud, 1925/1980 p.312). Nos dois sexos, a figura da mãe é o objeto original. Se o menino o mantém no complexo de Édipo, isso não acontece com as meninas, que tomam o pai como objeto. Nelas, o complexo de Édipo ganha uma longa pré-história e tem formação secundária: sua relação com o pai seria apenas uma transferência da anterior relação com a mãe. Assim, Freud introduz uma dissimetria entre o Édipo feminino e o masculino, tanto na entrada do processo como em sua saída.

Ao tomar conhecimento da existência de um pênis no menino, a menina imediatamente compara-o ao seu próprio órgão, o que a leva a cair no estado vitimizado da inveja do pênis. Diante do horror de se perceber mutilada, decide que quer ser possuidora de um pênis, o que vai trazer grandes dificuldades rumo à feminilidade, afirma Freud (1925/1980). As consequências psíquicas dessa situação são várias e complexas, e é a partir do momento em que a menina vê em seu pai o traço identificatório que o caminho para o complexo de masculinidade é aberto: após a grande ferida em seu narcisismo, a mulher “[...] desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade” (FREUD, 1925/1980, p. 315). Por tomar esse caractere sexual como universal, ela partilha do desprezo às mulheres, sentido pelos homens, por um sexo considerado inferior e insiste em ser como eles, apreendendo o pênis como signo da masculinidade e percebendo, por outro lado, que não há algo que simbolize seu próprio sexo.

Outra consequência do complexo de Édipo na menina é o afrouxamento da relação afetiva com a mãe, tomada como a responsável pela falta do pênis, afinal, foi ela que a trouxe ao mundo. A menina começa a demonstrar ciúmes da figura materna e, por se sentir faltante, acredita que a mãe ame mais outra criança do que a ela. Além disso, acusa a mãe do fato de não lhe ser possível encontrar algo que signifique seu sexo, que permanece encoberto.

O último efeito causado pela inveja do pênis, considerado por Freud o mais importante, é a masturbação, ato frequentemente evitado pelas mulheres: “a masturbação, pelo menos do clitóris, é uma atividade masculina, e a eliminação da sexualidade clitoriana constitui pré-condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade” (FREUD, 1925/1980 p. 317). Aqui, a menina não tem como competir com os meninos, pois sua condição anatômica é completamente desfavorável, sendo preferível abandonar o ato, pois ele representaria uma humilhação. A menina recusa o prazer pela via da masturbação desse órgão a menos, que a faz sentir-se inferiorizada. Esse reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos estimula-a a se afastar também da masculinidade, abrindo novos campos para a

feminilidade. A libido da menina é desviada, então, para a equação pênis=criança. No lugar do desejo do pênis, surge o desejo de um filho do pai, tomado como objeto de amor e transformando a mãe em objeto de ciúme (FREUD, 1925/1980).

A passagem da menina pela castração traz várias consequências ao seu narcisismo. Na relação inicial com a mãe, o narcisismo é poupado e vai ser ameaçado mais tarde, diante da falta. Essa relação primordial, diz Freud (1925/1980), não é totalmente superada, deixando sempre um resto, que talvez seja o motivo pelo qual o autor alega que o narcisismo das mulheres é mais acentuado que o dos homens e há sempre um desamparo evocado pela feminilidade (FREUD, 1925/1980).

Conclui-se, portanto, que o processo edípico nos meninos é dissolvido pelo complexo de castração, enquanto nas meninas ele inicia-se por meio desse mesmo complexo. O complexo de castração “[...] inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade” (FREUD, 1925/1980, p. 319).

A importância que esse artigo de 1925 traz para a obra freudiana é a elaboração da condição diferenciada que o primado do falo define para a menina e o menino. Segundo André (1996), o falo que homem e mulher descobrem nos genitais do sexo oposto inscreve-se nele enquanto falta e nela enquanto véu, ou seja, o complexo de castração atinge cada um de forma distinta e a anatomia desperta afetos ímpares para cada um dos sexos. O desenvolvimento sexual infantil é, sem dúvida, dissimétrico, afirma Freud:

A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando, é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida. (FREUD, 1925/1980, p.319).

É diante da inveja do pênis que a menina se vê na condição de aceitar sua feminilidade. Freud (1925/1980) pode então elaborar que a saída para a feminilidade seria via inveja do pênis e ferida narcísica. Mais uma vez, ao analisar a sexualidade feminina sob a ótica da primazia fálica, ele vê-se diante de uma nova questão: se a menina se submete a um complexo de masculinidade, como se torna mulher?

Freud (1925/1980) aborda essa dificuldade definindo a condição da menina se direcionar a figura paterna em substituição à mãe, na entrada do Édipo. Essa substituição também acontece quanto ao objeto de desejo: do desejo de possuir um pênis ao de ter um filho. Mas a questão não se esgota nessa explicação fálica, e o próprio Freud (1925/1980) alega que a relação da menina com a mãe não cessa nunca, sendo sua substituição pelo pai

apenas um deslocamento, como a substituição do pênis por um filho, não sendo essas mudanças que venha a lhe transformar em mulher.

Como consequência do fim da vivência edípica, Freud (1925/1980) estabelece o nascimento do superego. O modo como o sujeito entra e sai do complexo de Édipo tem efeitos significativos. Nos meninos, tal complexo não é recaiado, mas dissolvido pelo choque causado pela ameaça de castração, e seus objetos são assimilados pelo ego, formando o núcleo do superego. Assim é que se pode afirmar que o superego é o herdeiro do complexo de Édipo.

O complexo não é simplesmente recaiado; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características. Em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro. (FREUD, 1925/1980, p.319).

Novamente, Freud demarca a dissimetria do desenvolvimento sexual dos dois sexos, alegando que, nas meninas, o complexo de Édipo foge a seu destino, faltando-lhe motivo para ser dissolvido. O complexo pode, então, ser abandonado em um processo lento, recaiado, ou seus efeitos aparecem presentificados na vida mental normal das mulheres.

Não posso fugir à noção (embora hesite em lhe dar expressão) de que, para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que seja nos homens. Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade – todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. (FREUD, 1925/1980, p. 319).

Millot (1989) comenta que a angústia causada pela ameaça de castração, ponto importante demarcado por Freud, falta nas meninas: nessa situação, falta o objeto real a ser perdido. A ausência da angústia de castração nas meninas, enfraquece o motivo para o surgimento de um superego forte o que dificulta o desaparecimento da organização genital infantil, até então estruturada. A ameaça na menina toma forma de uma intimidação externa pelo risco da perda de amor. Diante dessa situação, três questões devem ser destacadas: a ligação que se estrutura entre o superego e a angústia de castração, a dependência da menina de uma instância localizada no mundo exterior, o fato de a angústia de castração que se instaura no menino ser nela substituída pela angústia da perda de amor (MILLOT, 1989).

Portanto, a menina mantém seu Édipo e a ligação com o pai, e o superego é formado na medida em que essa ligação vai sendo enfraquecida. Como a mulher não sofreu o choque da ameaça de castração, ela não renuncia de imediato à sua demanda de amor ao pai, a demanda de possuir um pênis ou um filho como substituto do órgão nunca tido. Passa um longo tempo à procura desse substituto que venha cobrir a falta do pênis que ela sabe que não tem e sabe onde encontrar. Diante do relato do superego incompleto na menina, podemos afirmar que Freud (1925/1980) assume uma posição pejorativa quanto à mulher, mas entendemos que sua preocupação, naquele momento, era definir a dissimetria entre masculino e feminino e que tal posicionamento freudiano, foi muitas vezes mal interpretado nas discussões psicanalíticas.

André (1996) chama atenção para o fato de que a relação da menina com sua mãe não exclui o assujeitamento da mulher à proibição do incesto, mas haveria um deslocamento dessa relação para a figura do pai. Percebe-se, portanto, uma impossibilidade de inscrição da mulher por inteiro na ordem fálica.

Segundo Millot (1989, p.33-34) há uma dissemetria do Complexo de Édipo em relação aos sexos, isto porque enquanto “o menino sai do complexo de Édipo pelo complexo de castração, ao passo que a menina entra nele por esse mesmo complexo”. Segundo a autora, a angústia de castração falta às mulheres, pois a ameaça de castração não incide em um objeto real, diferente dos meninos que se veem intimidados pelo medo da perda do pênis. Falta às mulheres a existência de um órgão real a ser atingido pela castração. É o que diz Freud ao afirmar:

“Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência. Estando assim excluído, na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil” (FREUD, 1924/1980, p.223)

Evidencia-se nesta passagem a ligação entre o superego e a angústia de castração. Millot (1989) esclarece que é na falta de um órgão peniano representante da possibilidade de castração, que a menina entra no complexo de Édipo e o mantém por um longo tempo. Ela então é forçada a abandonar a sua ligação com a mãe, influenciada pela inveja do pênis e busca refúgio na relação edípica. Uma vez que a menina não experimenta o temor da castração, falta-lhe o motivo principal que possibilitou ao menino a superação do complexo de Édipo. Daí Freud (1932/1980, p.159) afirmar que as meninas permanecem no Édipo por um tempo indeterminado, “destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto.

Nestas circunstâncias, a formação do supereu deve sofrer um prejuízo; não consegue atingir a intensidade e a independência, as quais lhe conferem sua importância cultural”.

Pode-se concluir que na menina não há uma verdadeira dissolução do complexo de Édipo, falta o temor à castração e ela mantém assim sua ligação com o pai, demandando dele o falo que lhe foi negado. O supereu e a relação com o pai estão em contramão uma com a outra, pois o supereu apenas se forma na medida que a ligação com o pai é abandonada. É dessa insuficiência na formação do superego feminino, presente na obra freudiana, que se constata a existência de um enigma sobre a constituição da feminilidade.

As questões aqui abordadas na teoria freudiana, como a dissimetria da sexualidade, um núcleo frágil do superego e a diferença entre meninas e meninos na entrada e na saída do complexo de Édipo são levantadas a partir da lógica fálica, mas não são possíveis de compreensão apenas por esta mesma lógica, há algo ainda a saber sobre a feminilidade. Se a menina precisa romper sua relação com a figura materna para se endereçar a um homem, também se faz necessário sua identificação à mãe rival para se constituir na feminilidade, o que compõe um paradoxo a ser relevado.

#### **4.2. Tornar-se mulher**

Após o avanço teórico em relação à longa história que antecede o Édipo feminino, definida por Freud no ano de 1925, as discussões psicanalíticas tiveram um novo olhar sobre a sexualidade feminina. Mas a intrigante questão da relação pré-edípica da menina com sua mãe e a substituição desta pela figura paterna, ainda é insuficiente para a transformação da menina em mulher.

Freud em 1926, no texto ‘A questão da análise leiga’, ao narrar uma conversa com uma pessoa imparcial sobre a psicanálise, expõe vários temas e pontos da teoria esboçada por ele, parece mesmo um resumo dos seus estudos conclusivos até então. Ao comentar sobre a sexualidade infantil e descrever suas características, Freud (1926/1980) reforça que, inicialmente, a criança não tem conhecimento do órgão sexual feminino e que o desenvolvimento sexual infantil recai sobre a lógica do órgão masculino, sendo o interesse da criança saber se o pênis encontra-se presente ou não. Mais uma vez, o autor fala do maior desconhecimento sobre a vida sexual das meninas.

Sabemos menos acerca da vida sexual de meninas do que de meninos. Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas é um continente negro para a psicologia. (FREUD, 1926/1980, p. 242).

Assim percebe-se repetir o paradoxo presente na obra freudiana. Desde seus textos iniciais, Freud descreve a sexualidade feminina ora como desconhecida, ora a descreve a partir da dialética de ter ou não o pênis-falo. O que se compreende é que a primazia fálica possibilitou caminhar na compreensão da sexualidade feminina, mas que, por outro lado, não foi possível demarcar um lugar para a feminilidade. Talvez porque o feminino seja por si insituável, inclassificável, sem representação possível.

#### ***4.2.1. A conjunção do falo com o seu para além***

As formulações freudianas apresentadas em 1925 provocaram consideráveis repercussões entre os psicanalistas da época. Vários textos, publicações e discussões foram alvos das teorizações de Freud. Um texto que merece destaque e foi muito comentado, como ainda hoje é estudado na temática do feminino é ‘A feminilidade como mascarada’, publicado em 1929, por Joan Rivière. A autora foi psicanalista inglesa, uma das fundadoras da Sociedade Britânica de Psicanálise, foi também analisanda de Freud e Jones e tradutora preferida de Freud dos seus textos, segundo Haudenschild (2010). Em vários artigos atuais sobre este texto, se pode encontrar o comentário de que Freud estranhamente não comentou o texto de Rivière em seus artigos sobre o tema da feminilidade, dentre alguns, cito Grant (1998).

Ao comentado artigo, Rivière (1929/2012) trabalha, a partir de um caso clínico, a superposição de masculino e feminino em uma mulher de grande estabilidade em todos os pontos de sua vida, como profissional, afetivo, doméstico e social. Sua carreira era associada a um perfil tipicamente masculino para a época. A profissão da paciente envolvia exposições em palestras e produções escritas, nas quais tinha grande êxito. Após essas exposições, contudo, ela era tomada de ansiedade e temor de ter feito algo errado. Como consequência, de forma compulsiva, procurava nesses momentos atrair os homens mais velhos e esperava deles, além de reconhecimento profissional, o desejo sexual.

A análise revelou que, em um primeiro momento, a paciente identificava-se ao pai por seu trabalho. Seu sintoma direcionado aos homens mostra-se uma forma de conter a ira do pai por ter exposto o falo, roubando-o com suas palestras de sucesso. Como forma de se redimir e por temor de punição, ela oferecia-se a ele sexualmente como recompensa, assumindo a posição passiva em um disfarce de mulher castrada. A feminilidade é utilizada como máscara para encobrir a masculinidade e evitar represálias dos homens, que se sentiriam roubados em seus atributos.

Ela supunha que desejava o reconhecimento como retribuição a seus sacrifícios; mas inconscientemente a reivindicação era de reconhecimento de sua supremacia em ter o pênis a ser devolvido. Se sua supremacia não fosse reconhecida, a rivalidade torna-se outra vez aguda; se a gratidão e o reconhecimento fossem negaceados, seu sadismo irrompia com toda potência e ela se via sujeita (interiormente) a paroxismos de fúria sádico-oral, exatamente como uma criança raivosa. (RIVIÈRE, 1929/2012, p. 5).

Rivière (1929/2012) demarca, portanto, que a feminilidade encontra-se entre ter e não ter o falo, ou seja, entre assumir a posição masculina e assumir a posição feminina enquanto máscara, a feminilidade serviria então, para disfarçar a posição fálica muitas vezes assumida por uma mulher. Para a autora, não há diferença entre a feminilidade verdadeira e a mascarada. Essas elaborações fazem com que Rivière enuncie um possível esclarecimento para o enigma da feminilidade evocado por Freud, que no artigo *Feminilidade* de 1933/1932, o autor retoma a temática alegando sobre o movimento repetitivo de algumas mulheres, regredidos à infância em um jogo nos períodos de masculinidade e feminilidade, o que abordaremos com maior precisão no próximo sub item.

André (1996) analisa o texto de Rivière e, ao mencionar sobre o sintoma do caso em questão, afirma que este se dá em dois tempos. No primeiro, há um reconhecimento de ser possuidora do falo para que, em um segundo momento, possa haver uma separação dele. O autor questiona se esse processo pode ser chamado de sintoma, pois o que parece é que tal estrutura encobre a demanda da posição feminina.

#### ***4.2.2. Os destinos da feminilidade segundo Freud***

Em 1931 no texto ‘Sexualidade feminina’, Freud retoma as descobertas anunciadas em 1925. Apesar de voltar ao assunto sem ao menos mencionar sua produção de seis anos antes, ele trata o tema como atual, sem considerar as reações que seu polêmico texto havia causado no meio psicanalítico, principalmente na Inglaterra, segundo a nota do editor inglês do texto ‘Sexualidade feminina’ (FREUD, 1931/1980, p.257).

O autor retoma a questão do pré-Édipo na menina e dá a ele grande importância para o desenvolvimento sexual. Questiona como a menina, em seu desenvolvimento, encontra seu caminho para o pai e como e por que se desliga da mãe, fazendo um percurso diferente do menino. Lembra que já havia discutido sobre a dificuldade de compreender a sexualidade feminina diante do fato de a menina abandonar o investimento em seu clitóris em prol da descoberta da vagina e, conseqüentemente, trocar seu objeto original, a mãe, pelo pai. Freud (1931/1980) acrescenta que essas mudanças estão relacionadas à etiologia das neuroses e propõe rever a tese de que o complexo de Édipo é o núcleo das mesmas. Sugere ampliá-lo,

incluindo todas as relações das crianças com os pais, alegando que há muito já não acredita na simetria do desenvolvimento sexual entre os sexos e que tem compreendido nas análises mais recentes que conduz, que todos os recalques e fixações que originam uma neurose acontecem no período pré-edípico, inclusive o medo paranóico das mulheres a partir da fantasia de ser devorada pela mãe.

A relação inicial estabelecida com a mãe não pode ser inteiramente apagada com a entrada do pai como terceiro. A lei introjetada a partir daí, lei simbólica da primazia fálica, não é de todo absorvida pela menina, pois não pode dizer tudo acerca do feminino. Portanto, a lei fálica não opera por completo na mulher, e parte dela mantém-se à margem desse registro.

Freud (1931/1980) relata também que o principal investimento genital das meninas é no clitóris, sendo sua vida sexual dividida em duas etapas: a primeira possui caráter masculino e a segunda é especificamente feminina. A menina teria então que fazer a transição de uma fase a outra, o que não acontece com os meninos. Somente com a descoberta da vagina é que a mulher vivenciaria seu caráter feminino. O clitóris não seria de todo abandonado, e continuaria ativo na vida sexual posterior, o que define a condição bissexual da mulher. Para Freud (1931/1980), o gozo clitoriano tem caráter masculino e deveria, por isso, ser substituído.

Portanto, Freud (1931/1980) reconhece dois pontos em que a menina se diferencia do menino: precisa substituir o objeto de amor e também a zona erógena para exercer sua feminilidade. Contudo, o autor conclui que esses dois atravessamentos não são inteiramente realizados pela mulher. Não há uma transição total do clitóris para a vagina e nem da mãe para o pai, mas uma sobreposição desses pares, que continuam atuantes. Essa situação torna-se um impasse para Freud. Se ele concebia o feminino pela lógica fálica, agora depara-se com o fato de a teoria da mulher como toda fálica não conseguir abranger a feminilidade.

A entrada no Édipo pela menina é outra questão que Freud (1931/1980) demarca, também nessa época, como diferença entre os sexos. No menino, há a combinação entre amor por um dos pais e, conseqüentemente, eleição do outro como rival. Diante da ameaça pela visão dos genitais femininos, o complexo de Édipo é dissolvido com a entrada da lei paterna fundante do superego, ficando como resquício desse processo, certo desprezo pelas meninas. Na menina, por sua vez, há o reconhecimento da existência da castração, da superioridade dos homens e de sua própria inferioridade, mas também uma rebeldia contra essa constatação.

Dessa atitude, abrem-se três linhas de desenvolvimento da sexualidade. A primeira seria a menina crescer insatisfeita com seu clitóris, abandonando sua atividade fálica e, conseqüentemente, sua sexualidade. A segunda, a menina auto afirmar-se em sua

masculinidade na esperança de algum dia conseguir um pênis, em um complexo de masculinidade. Finalmente, a terceira linha seria a feminilidade normal, de tomar o pai como objeto, encontrando o caminho para o complexo de Édipo.

O reconhecimento da castração na menina se dá através da instabilidade da relação com a mãe, que Freud alega que inicia com o ciúme a partir da presença dos irmãos ou mesmo da interdição do pai. A menina atribui à mãe, acusações estruturadas na falta de amor que na verdade encobre a falta do pênis que não lhe foi dado pela mãe. O complexo de castração marca na menina a saída da relação prazerosa com a figura materna.

Freud (1931/1980) assegura que esse processo de desvinculação ocorre de forma lenta, pois inicialmente a menina acreditaria que somente ela é castrada, percebendo aos poucos a castração em outras mulheres e por último em sua mãe, até então tida como fálica. A relação, então, complexifica-se ainda mais: a identificação possível para a menina com sua mãe mostra-se frustrante, pois a mãe não tem o tão almejado pênis para lhe dar. Logo, a menina precisa lidar com duas faltas em relação à mãe: a falta do falo e de um significante que possa lhe dizer de sua condição feminina. A saída é repudiar o próprio sexo diante de um sentimento de desafeto em relação à mãe, como a todas as outras mulheres.

Outra dificuldade, então, se apresenta diante do Édipo feminino. No momento em que a menina precisa se identificar com a mãe, para ocupar uma posição feminina para com o pai, é o mesmo momento em que ela tem que abandonar a mãe, para se direcionar ao pai. Freud (1931/1980) ressalta que a relação da menina com sua mãe estrutura-se, portanto, na ambivalência amor-ódio, e que os objetivos sexuais referentes à figura materna são tanto ativos quanto passivos.

Não é sem conflito que esse par de opostos ativo-passivo se instaura na relação da criança do sexo feminino com sua mãe. As vivências que ela experimenta enquanto passiva são revividas posteriormente como ativa, sinal de uma revolta contra a passividade, diz Freud (1931/1980). Essa ambivalência compreende o lugar ocupado pela menina: ora tornar-se objeto de sua mãe, ora fazer sua mãe de objeto.

Em 1932, Freud, na conferência intitulada 'Feminilidade', volta ao tema das publicações de 1925 e 1931. O texto, como o próprio Freud diz, não contém muitos acréscimos teóricos, encarregando-se mais de fatos observados, mas desperta interesse, pois "através da história as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade" (FREUD, 1933[1932]/1980, p.140). Ele retoma a questão do destino das mulheres e pontua que a feminilidade é um enigma por não poder ser definida pela anatomia e, ainda ser mantida pela referência do masculino. Os dados anatômicos e biológicos seriam

imprecisos para estabelecer o que é masculino e feminino, delegando à cultura o destino dado às funções e à associação “masculino-ativo” e “feminino-passivo”: “devemos, contudo, nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva” (FREUD, 1933[1932] /1980, p.143). O pai da psicanálise admite a influencia que conceitos e forças da cultura exerce no desenvolvimento das formulações de uma sociedade, o que sua clínica tentou contradizer o tempo todo, trazendo impasses ao psicanalista. A influência dos conceitos sobre o feminino estabelecidos no final do século XIX, que permearam o imaginário da cultura, é desmascarada pelo autor a partir da pressão de seus próprios conhecimentos clínicos.

Freud permanece, nesse ponto, sem nenhum significante que possa dizer da feminilidade. Mesmo a passividade, que esteve presente em seu percurso e foi tão importante na elaboração da feminilidade, agora não lhe atende mais. Ele admite que o par de opostos atividade-masculinidade e passividade-feminilidade não bastaria para definir os sexos e parece acreditar que a feminilidade não se resume a isso, indo além desse significante.

Freud (1933[1932] /1980) afirma ser uma tarefa difícil para a psicanálise definir uma mulher, mas sua teoria empenha-se nesse ponto, considerando a condição bissexual de toda criança. Seria preciso tomar a investigação do desenvolvimento sexual da mulher focando duas expectativas:

A primeira é que, aqui, novamente, a constituição não se adaptará à sua função sem uma luta. E a segunda reside em que os pontos críticos decisivos já terão sido preparados ou completados antes da puberdade. Ambas as expectativas confirmam-se de imediato. Ademais, a comparação com o que acontece com os meninos nos mostra ser o desenvolvimento de uma menina em mulher normal mais difícil e mais complexo, de vez que inclui duas tarefas extras às quais não há nada de equivalente no desenvolvimento de um homem. (FREUD, 1933[1932]/1980, p.145).

O autor enuncia assim que a feminilidade não se encontra pronta, seja pela via do social ou do anatômico. Ela é um vir a ser: é preciso tornar-se mulher, o que nem sempre é possível às pessoas do sexo feminino. Não há nada nessa questão que seja dado por natureza, e tanto o menino quanto a menina, no início do desenvolvimento libidinal, estão inseridos na lógica fálica, sendo a vagina inexistente para ambos. A menina, portanto, precisa travar uma luta que vai além do falo para que possa ocupar uma posição feminina.

Nesse trajeto, Freud (1933[1932] /1980) valoriza a vinculação pré-edipiana da menina com sua mãe, compreendendo-a pela fantasia de sedução. O sedutor é a própria mãe, que é quem estimula pela primeira vez as sensações prazerosas nos genitais da menina em seus cuidados com a higiene. O afastamento da figura materna é ocasionado por uma hostilidade: “a vinculação à mãe termina em ódio” (FREUD, 1932, P. 150), voltando-se a menina ao pai.

Tal ressentimento deve-se à descoberta das diferenças anatômicas entre os sexos. A menina destina à mãe a responsabilidade pela falta de um pênis, por se sentir daí em diante, em grande desvantagem. A inveja do pênis, então instaurada na menina, vai sucumbir por um longo período em uma necessidade em ter um pênis de qualquer maneira e o desejo recalado influenciará suas experiências e desenvolvimento posteriores.

Contudo, Freud (1932/1980) reconhece que este lugar da falta vai compreender três possíveis caminhos no percurso do desenvolvimento da mulher: “um conduz à inibição sexual ou à neurose, outro, à modificação do seu caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal” (FREUD, 1932/1980). Quanto à inibição sexual, Freud descreve que a menina viveu de modo masculino, obtendo prazer através da masturbação clitoriana e com os desejos sexuais dirigidos à mãe. Voltada agora para a figura paterna, recorre ao pai, possuidor de um pênis, retornando a seus impulsos de passividade.

A segunda reação possível diante da inveja do pênis nas mulheres é o desenvolvimento de um complexo de masculinidade; a menina se recusa a reconhecer sua falta e se apegua à masculinidade da atividade clitoriana, se identificando assim com a mãe fálica ou com o pai. A terceira saída é a feminilidade normal. Essa pode ser constituída pela identificação com a mãe, através da condição de se ter um filho, a maternidade. Então, para Freud, a posição feminina se estabelece se o desejo de um pênis for substituído pelo desejo de um bebe, estipulando uma equação filho-falo que é essencial para a questão feminina.

Para caminhar em direção a uma posição feminina, a mulher precisa repudiar a mãe e desejar possuir o falo, como um homem. Logo, o desejo da menina de ter um filho surge a partir da entrada no complexo de Édipo, que é da ordem do feminino, difere-se do desejo de ter um filho que surge na fase pré-ediíca como proveniente de uma identificação à mãe.

O desenvolvimento da feminilidade, portanto, está sujeito aos resquícios do período masculino inicial, e seriam frequentes, diz Freud (1933[1932]/1980), as regressões às fixações das fases pré-ediícas, podendo haver, em algumas mulheres, uma repetida alternância entre os períodos de feminilidade e masculinidade.

Esse fato remete à feminilidade como mascarada desenvolvida por Joan Rivière (1929/2012), que, ao enunciar o movimento de sua paciente – ora castrada, ora fálica –, evoca a uma condição não toda fálica, além do falo, na mulher. Freud (1933[1932]/1980) cita mulheres que, com seus trabalhos, contribuíram para suas conclusões nesse campo, mas Rivière, curiosamente, não é mencionada por ele.

A conferência ‘Feminilidade’ é encerrada por Freud com a afirmação do autor de que seu trabalho é incompleto, fragmentário e chega a ser desagradável. Justifica-se dizendo que descreveu as mulheres apenas a partir de sua natureza sexual e acrescenta que essa influência vai mais além do que propõe ali. Termina sugerindo que, para se saber mais a respeito da feminilidade, seria preciso que cada um questionasse sua própria experiência ou aos poetas, além de esperar pela evolução da ciência (FREUD, 1933[1932]/1980).

### **4.3. Trajetórias da feminilidade**

Apesar dos paradoxos que permeiam a obra de Freud e dos indícios de que apenas a lógica fálica não responde a questão da feminilidade, a mulher freudiana é situada a partir do falo e do que vem a compensar sua falta, como a maternidade. Em seus últimos textos, Freud (1937/1980), ao se referir às indicações e limitações de uma análise, relaciona a feminilidade a um estado originário de desamparo constitutivo tanto no homem quanto na mulher diante do rochedo da castração. Nas análises dos seus casos clínicos em curso na época, dois temas apareceriam como correspondentes: na mulher, a inveja do pênis; no homem, a luta contra a passividade diante de outro homem. Esses temas estariam próximos por serem posições equivalentes diante da castração, que o autor denomina repúdio à feminilidade (FREUD, 1937/1980).

Esse repúdio aparece em ambos os sexos, sendo a posição ativa e fálica egossintônica presentes somente nos meninos. Nas meninas, o repúdio à feminilidade é egossintônico na fase fálica, depois que a posição fálica e ativa é abandonada, mas não completamente, pois seus resquícios servirão para construir a feminilidade e sustentar o desejo por um filho. Freud (1937/1980) demarca – e estranha – que o desejo de masculinidade seja recalcado e ainda exerça uma influência que chega a ser perturbadora na vida da mulher. Mas ao mesmo tempo Freud (1937/1980) aponta que, partes significativas do complexo de castração sofrem transformações e funcionam como instrumentos para a construção da feminilidade na mulher. E exemplifica que o desejo acalmado em possuir um pênis, converte-se no desejo em ter um bebê e um marido que possui um pênis.

Parece haver uma transformação na posição subjetiva feminina, que, ao deslocar seu objeto de desejo de um pênis para um homem, afasta-se cada vez mais do desejo fálico. Freud já menciona esse deslizamento em textos primordiais sobre o tema.

Em 1917, no artigo ‘As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal’, Freud diz que, diante da neurose de uma mulher, é possível “deparar com o desejo recalcado

de possuir um pênis, como um homem” (FREUD, 1917/1980, p.161), o que ele vai chamar de inveja do pênis e incluir no processo do complexo de castração. Seriam os infortúnios casuais da vida de uma mulher que exigiriam uma disposição masculina e reativariam o desejo da infância, tornando-se a principal causa de seus sintomas. Em outras mulheres, não seria possível encontrar o desejo de um pênis, porque ele é substituído pelo desejo de maternidade, que, se frustrado, poderia também gerar uma neurose, conclui Freud.

É como se tais mulheres houvessem compreendido (embora isso não possa ter atuado como motivo) que a natureza dá bebês às mulheres como substitutos para o pênis que lhes negou. (FREUD, 1917/1980, p. 161).

Freud continua seu raciocínio, alegando que ainda para outras mulheres, de início havia o desejo de um pênis, como os homens possuem, e que fora substituído por desejo de um bebê, ainda na infância. Assim, o desejo por um pênis ou por um bebê, seria da mesma ordem, ou seja, iguais.

Freud (1917/1980) avança ao dizer que as mulheres saudáveis têm a capacidade de transformar o desejo infantil de um pênis em desejo por um homem, possuidor de um pênis. Portanto, a vida sexual das mulheres está baseada tanto no tipo masculino quanto no feminino. O desejo por um homem nasceria independente do desejo por um bebê, este último podendo ser despertado posteriormente, endereçado ao homem em questão. Nas palavras do próprio autor: “a importância do processo descrito jaz no fato de que uma parte da masculinidade narcísica da jovem mulher transmuta-se, assim, em feminilidade, e desse modo não pode mais operar de maneira prejudicial à função sexual feminina” (FREUD, 1917/1980, p.162).

Aqui fugimos a ordem cronológica mantida até então, com o objetivo de levantar uma questão que se apresenta como um impasse a construção freudiana. Nos parece que, já em 1917, Freud apontava para a cadeia de substituição que o desejo feminino caminhava. O que não é compreensível é o por que Freud não desenvolve essa articulação ao longo de todos estes anos e só retorna a ela no final de sua obra.

Voltando ao ano de 1937, Freud esclarece que a polaridade sexual está presente no masculino e no feminino, o que nos leva a interpretar a sexualidade como um paradoxo: o acesso ao feminino é também o acesso ao masculino. Talvez aqui esteja, em Freud, a saída do feminino. Não seria possível medir o homem e a mulher, e o que a humanidade tem feito por toda a história é apenas um comparativo fálico. Além disso, “o repúdio da feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo” (FREUD,

1937/180, p.287). Ele conclui ser esse um fator de difícil abordagem em um tratamento analítico.

Lacan, trouxe várias contribuições a partir da leitura freudiana, o que nos possibilita indicar as assertivas freudianas e os indícios deixados diante de suas dificuldades para uma nova versão sobre a feminilidade.

As formalizações de Jaques Lacan, não foram prioridades neste estudo, uma vez que o objeto desta pesquisa se limitou à teoria freudiana. Há importantes avanços de Lacan sobre a questão da feminilidade, porém é preciso considerar que foram contribuições *à posteriori*. Assim, apenas destacamos um breve aporte a teoria lacaniana sobre o tema, como pretexto em destacar a sua importância aos estudos de hoje.

A contribuição de Lacan para a questão da feminilidade é a postulação de um gozo a mais, além do impasse da sexualidade feminina a partir da inveja do pênis. Em seu Seminário 20, “Mais, ainda” (LACAN, 1972-1973/1985), ele diz que só é possível tomar as mulheres a partir de sua singularidade. Diante da enigmática feminilidade freudiana, Lacan afirma que ela encarna um real em que não há significante para lhe definir. A feminilidade não faz uma ordem ou conjunto, ou seja, a mulher não pode ser entendida pela lógica do universalismo fálico.

Assim, o que Lacan (1972-1973/1985) propõe é que a feminilidade não está reduzida ao significante fálico. O feminino não deixa de ser fálico, mas ultrapassa essa organização com um gozo suplementar, posicionando a mulher como não-toda fálica. Nem tudo nela inclui-se na lógica do falo, e a dicotomia presença-ausência não dá conta de responder a toda a questão do feminino.

Lacan atenta para o fato de o gozo feminino ser suplementar e não complementar, ultrapassando a condição do gozo fálico. E enfatiza a palavra suplementar como algo que se adiciona a um todo, alegando que se dispuséssemos o gozo como complementar, estaríamos ainda na condição do todo, do completo.

Nem por isso deixa de acontecer que se ela (a mulher) está excluída pela natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar. (LACAN, 1972-1973/1985, p. 99).

Com essa colocação, Lacan não dispensa a proposição edípica, mas alega que só se pode reconhecer a lógica do todo-fálico na posição masculina e não na posição feminina. Lacan diferencia de Freud em situar a dissimetria entre os sexos, além do significante fálico,

assim a mulher estaria com seu gozo dividido por não estar toda inserida na lógica fálica, estando também seu gozo em além de um conjunto fechado.

O falo, para Lacan, ainda é o único significante sexual, o que o autor acrescenta é que passa a existir mais de uma inscrição na função fálica, a todo-fálica e a não toda-fálica. A não toda-fálica demarca que o feminino não está excluído por completo da ordem fálica, mas que existe outro gozo, que a partir do falo, ultrapassa como um suplemento a esta ordem até então anunciada. Lacan (1972-1973/1985, p.100) afirma que “não é porque ela (a mulher) é não-toda na função fálica que ela deixa de estar nela de todo. Ela não está lá de toda. Ela está lá à toda”.

Assim, pode-se compreender que não é que a função fálica não se adeque a mulher, ela está sim submetida a castração, o que difere do homem é que esta castração se coloca para ela de forma a dividi-la, nem tudo nela está submetida a lei de um significante.

A consequência que a mulher carrega por não estar inscrita totalmente na lógica fálica é a da falta de um significante que possa fundamentar a sua condição feminina. O falo é o único significante da sexuação, isto implica que, em termos de significante para o inconsciente, existe apenas um sexo, o masculino. Esta significação não cabe a mulher que se torna sem sexo, como um buraco vazio. Consequentemente à impossibilidade da relação sexual entre os sexos se afirma e como designa o próprio Lacan, a relação sexual não existe, assim como não existe “A” mulher (LACAN, 1972-1973/1985).

A mulher, então, é destituída de qualquer traço que possa vir a identificar sua posição feminina, neste sentido que Rivière (1929/2012) consolida a feminilidade como mascarada, na tentativa de encobrir com um véu, utilizando-se da máscara para esconder este vazio.

Zizek (2003), apoiado na teoria lacaniana, aborda a questão da feminilidade a partir da dualidade da mulher na esfera pública e privada:

“Nesta dualidade das esferas privada e pública está arraigada a cisão da mulher em Mãe e Prostituta. A mulher não é Mãe e Prostituta, mas a mesma mulher é Mãe na esfera privada e Prostituta na esfera pública – quanto mais Mãe é na esfera privada, mais Prostituta é na esfera pública. [...] apesar das aparências, a divisão Mãe/Prostituta não se refere à diferença de conteúdo (características que opõem as duas figuras), senão que é a natureza puramente formal; em outras palavras, designa as duas inscrições, as duas modalidades de uma mesma entidade”<sup>4</sup> (ZIZEK, 2003, p.224-225, tradução nossa)

---

<sup>4</sup> En esta dualidad de las esferas privada y pública está arraigada la escisión de la mujer en Madre y Prostituta. La mujer no es Madre y Prostituta, sino que la misma mujer es Madre en la esfera privada y Prostituta en la esfera pública – y cuanto más Madre es en la esfera privada, más Prostituta es en la pública. [...] a pesar de las apariencias, la división Madre/Prostituta no se refiere a la diferencia de contenido (características positivas que oponen las dos figuras), sino que es de naturaleza puramente formal; en otras palabras, designa las dos inscripciones, las dos modalidades, de una misma entidad

Trata-se de duas facetas da mesma moeda, já que a mulher é, ao mesmo tempo, mãe e prostituta. Para o autor, as coordenadas ideológicas desta divisão, ficam claras quando comparadas as dualidades do homem. Na esfera pública, o homem se posiciona como um herói e ético e na esfera privada como um aventureiro que provoca a destruição dos lares. Podemos pensar que Zizek nos endereça para uma condição de equilíbrio entre masculino e feminino, como pares de opostos essenciais para a ordem subjetiva. A mulher mãe na estrutura privada é organizadora e confiável em seu lar, enquanto o homem é o desarticulador. Já na esfera pública a mulher é a prostituta superficial e inconstante, enquanto o homem é articulador e ético.

Zizek (2003) afirma que assim temos uma dupla oposição, de um lado uma substância feminina contra o sujeito masculino e por outro lado a aparência feminina contra a essência masculina. O autor citando Weininger alega que em sua divisão, o homem é autônomo, mais espiritual e sexualmente fálico, enquanto a mulher está dividida em sua verdadeira natureza e nega seu valor ético de mãe. Não tem o mesmo apetite sexual que o homem, devido a imposição externa de sua moral. Contudo, continua Zizek, é o vazio ontológico da mulher que define sua subjetividade e compara a divisão formal entre homens e mulheres referentes as esferas pública e privada à teoria lacaniana da sexualidade.

Para o autor, a divisão das mulheres assume a forma do seu desejo e o que vem aterrorizar os homens é a sua inconsistência da sua posição feminina. O homem então fica a mercê dessa incoerência e na impossibilidade de desvendar as máscaras apresentadas por elas.

Voltamos á condição da mascarada colocada por Rivière (1929/2012) ao demarcar um jogo de duplicidade de sua paciente em momentos como castrada e em outros momentos como fálica. Freud (1933[1932]/1980) também perpassa pela questão ao afirmar os frequentes resquícios às regressões edipianas que possibilitam também esses períodos de alternância entre feminino e masculino para o desenvolvimento da feminilidade, como já visto.

Zizek (2003) coloca que, o que está por detrás das máscaras é o próprio vazio e compara a condição da mulher diante do feminino como uma cebola que ao retirar as cascas (máscaras) no final, só se pode deparar com a falta de forma, ou seja, o próprio vazio, que a retorna para a subordinação ao falo.

As máscaras funcionam então, como uma suplência a esta condição faltante, que possibilita o feminino a transitar numa possibilidade, ainda que utópica de representação. A feminilidade então, constituir-se-ia na singularização, em cada história, de maneira única no desejo de cada mulher.

Não coube a esta pesquisa aprofundar-se nos escritos lacanianos, mas apontar que a investigação da feminilidade se sustentou também sob outros olhares, além dos anunciados por Freud. O Pai da psicanálise não pôde concluir seus impasses sobre a compreensão do feminino, mas apontou, através de paradoxos e inconclusões, que ele guardava algo além do que sua teoria poderia dizer.

## 5. CONCLUSÕES

A feminilidade descrita por Freud iniciou o processo desta dissertação, que teve como seu núcleo causal a questão da investigação dos impasses identificados na obra freudiana em relação ao enigma do feminino, principalmente no tocante a insuficiência da resposta fálica.

Neste trabalho buscamos acompanhar a obra freudiana no que era mais significativo em relação as construções do feminino, traçando um percurso cronológico desde seus primeiros escritos sobre casos clínicos, até os seus últimos textos sobre o assunto, percorrendo um período de construção teórica do autor por mais de quatro décadas.

Iniciamos nossa pesquisa revendo a posição feminina na cultura do final do século XIX, para melhor compreendermos como a imagem da mulher circulava no imaginário daquela época. O furor cultural em que Viena se encontrava era influenciado pela era vitoriana, que ousava discursar sobre a emancipação feminina, mas restringia a mulher às funções de esposa e mãe. A obra “Madame Bovary” é um exemplo dessa imagem, tendo sido criticada assim como a trajetória feminina, mantendo-se incompreensível, desejante, polêmica e proibida, pois a mulher só podia, até então, ser vista e nomeada a partir das lentes do masculino.

Naquele panorama, as mulheres puderam, com a psicanálise, começar a falar de si, usando a palavra, não apenas mas principalmente por meio do adoecimento histérico. Por isso, mostrou-se necessário neste estudo a construção da etiologia da histeria em Freud, pois esses foram os seus primeiros passos rumo a abordagem da feminilidade.

Iniciamos nosso trajeto abordando os casos clínicos de Freud sobre a histeria, que forma relacionados à questão do trauma como um excesso, excesso este discutido por Monique Scheneider como um atravessamento pelo outro. Trauma, sedução, afeto e excesso pulsional são, portanto, fatores sobre os quais é constituída a feminilidade. Portanto, a receptividade do sujeito em ser atravessado por essas experiências é, segundo a leitura que esta autora faz de Freud, considerada como a característica essencial da feminilidade.

A seguir no segundo capítulo, transitamos pela sexualidade infantil freudiana, nitidamente pelas primeiras formulações sobre tal tema, onde Freud afirmava, sobre o Complexo de Édipo, haver simetria no desenvolvimento sexual das meninas e dos meninos. Diante dos impasses, Freud busca nos povos primitivos respostas para a sexualidade feminina, o que o leva a afirmar que a feminilidade é um enigma e que a mulher é tabu, não somente para os povos primitivos.

No último capítulo, nos anos 1920, abordamos a retomada freudiana da questão do excesso libidinal. Freud define aí a existência da pulsão de morte, conceito este que abre caminho para uma compreensão mais abrangente da questão da feminilidade e que, mais adiante, promoveu uma reviravolta em suas construções teóricas.

Enveredamo-nos aí pelos estudos sobre o Complexo de Édipo, agora retomado por Freud como dissimétrico entre os meninos e as meninas, o que lhe possibilitou retificar sua teoria da sexualidade feminina, destacando assim a importância do pré-Édipo da menina. A virada em sua obra acontece a partir do ano de 1920, período de publicação do caso da jovem homossexual, caso a partir do qual ele investiga mais detidamente a bissexualidade infantil.

Não por acaso, acontece no mesmo ano a construção do conceito freudiano de pulsão de morte, um excesso sem denominação e lugar, que serve de alicerce para que Freud aos poucos, leve em consideração a existência, na feminilidade, impossível de representação.

A pulsão de morte como excesso e a construção teórica da etapa pré-edipiana nas meninas despertaram Freud para temas que circundam a questão da feminilidade, como a bissexualidade, a dissimetria no desenvolvimento sexual, os pares de opostos – pontos discutidos nesta pesquisa.

Portanto, Freud considerou a sexualidade feminina como de difícil compreensão, ora como um não saber, ora como fonte de horror, tabu e repúdio. De modo que, apesar das influências do contexto científico, moral e cultural da época, e ainda de ter pensado inicialmente o Édipo a partir da referência própria, Freud jamais retira da feminilidade a nuance de mistério, de enigma, inevitável e permanente, subjacente à diferença sexual. Examinando seus textos dedicados à sexualidade, observamos que há neles o cuidado do autor de sempre deixar aberta a questão da feminilidade, atribuindo-lhe assim uma conotação enigmática. Certamente foi por meio da referência fálica que Freud desenvolveu sua concepção da sexualidade feminina, mas ele nos deixou pistas suficientes que indicam uma não aderência absoluta do feminino ao falo. A dissimetria edipiana, a abertura permanente do Édipo bem como do superego femininos nos demonstram como Freud foi gradativamente intuindo, sem contudo jamais ter formalizado algo de suplementar, de para-além do falo.

Trabalhou-se a questão da feminilidade e seus destinos delimitados, destinos esses delimitados por Freud, como a maternidade, a recusa à sexualidade e a masculinização, como também a condição de que a mulher não se encontra pronta, ela precisa fazer-se.

Conclui-se, após o trajeto metodológico feito, que Freud não encerra sua concepção da feminilidade apenas na primazia do falo, pois a feminilidade, no final de sua obra, não está

identificada nem à mulher nem ao homem, situando-se para além da diferença dos sexos e caracterizada pela presença do excessivo e do enigmático.

Portanto, mesmo que Freud não tenha dito explicitamente, seus textos nos deixaram indícios para se pensar em outras dimensões da feminilidade, visto ser sempre por ele lembrada a sua face excessiva, incompreensível, indefinível e, por isso mesmo, enigmática - enigma e excesso que permeiam todo o desenvolvimento sexual infantil (nos meninos e nas meninas), sendo este desenvolvimento fundante para a condição constituinte do ser humano e de seu desejo.

A abordagem teórico-freudiana da feminilidade nos ensinou, portanto, a mantê-la sempre em aberto, principalmente à surpresa e ao impossível, visto haver continuamente em seu bojo alguma coisa que se recusa a ser abarcada pela significação propiciada pelo falo – haverá ininterruptamente nela algo impossível de definição. Sobre a feminilidade, então, é melhor que não se arrisque qualquer ‘última palavra’...

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ARÁN, Márcia Ramos. A diferença como singularidade: sobre a questão da feminilidade na obra freudiana. **Estudos em Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 156, p. 01-26, jul. 1997.
- ARÁN, Márcia Ramos. Feminilidade, entre Psicanálise e cultura: esboços de um conceito. **Physis: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v 10, n.1 p. 169-195, jan./jun. 2000.
- ARÁN, Márcia Ramos. **O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud e a mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao estudo das perversões: teoria do Édipo em Freud e Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- FERRARI, Ilka Franco. **Sobre o Édipo**. Texto construído como material didático para as aulas de Psicopatologia I e Teoria Psicanalítica I. Belo Horizonte: PUC-MINAS, 2011.
- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19, p. 215-224.
- FREUD, Sigmund. A etiologia da histeria (1896). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 3, p.175-203.
- FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIX. p. 175-184.
- FREUD, Sigmund. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920a) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.v.18, p. 181-212.
- FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga (1926). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 20, p. 205-293.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920b). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 18, p. 11-85.

FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19, p. 303-320.

FREUD, Sigmund. Algumas observações gerais sobre os ataques histéricos (1909[1908]). In: **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 9, p. 229-238.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 23, p. 239-287.

FREUD, Sigmund. As pulsões e suas vicissitudes (1915). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 14, p. 129-162.

FREUD, Sigmund. As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal (1917). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 17, p. 175-192.

FREUD, Sigmund. Carta 69 (1897). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 1, p. 357-359.

FREUD, Sigmund. Casos clínicos: Sra<sup>a</sup> Emmy Von N. (1893-1895b). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 2, p.79-126.

FREUD, Sigmund. Casos clínicos: Elisabeth Von R. (1893-1895a). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 2, p.152-189.

FREUD, Sigmund. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908c). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 9, p. 159-170.

FREUD, Sigmund. Feminilidade (1932). In: FREUD, Sigmund. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 22, p. 139-165.

FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 7, p. 12-115.

FREUD, Sigmund. Histeria (1888). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 1, p. 85-108.

FREUD, Sigmund. Moral Sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908a). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 9, p. 183-208.

FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade: contribuições à psicologia do amor III (1918 [1917]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 11, p. 157-166.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica ([1895]1950). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 1, p. 474-478.

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 21, p. 257-279.

FREUD, Sigmund. Sobre a teoria sexuais das crianças (1908b). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 9, p. 213-228.

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos (1893). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 2, p. 39-53

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1913). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 13, p. 17-191.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 7, p. 118-230.

FREUD, Sigmund. Um tipo especial de eleição de objeto no homem (1910). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 11, p.147-157.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

GRANT, Walkiria Helena. A mascarada e a feminilidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 9, n. 2, 1998. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65641998000200010>> Acesso em: 25 jun. 2012.

HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. De Freud para Joan Rivière e “os ingleses”, com raiva. **Ide**, São Paulo, v. 33, n. 50, jul.2010. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062010000100011&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062010000100011&script=sci_arttext). Acesso em: 25 jun. 2012.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LACAN, Jacques. Intervenção sobre a transferência. In: LACAN, Jaques. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1996, p.87-99.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Tela Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na produção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**. Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007.

MOTA, Regina Lúcia Braga. Da Viena de Freud ao ano 2000: psicanálise e pós-modernidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Brasília, v. 34, n. 3, p. 431-440, 2000.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Das origens da sexualidade feminina ao feminino nas origens da psicosexualidade humana. **Estudos de psicanálise**. Aracaju, n. 33, p. 101-108, jul. 2010.

PRATES, Ana Laura. **Feminilidade e experiência psicanalítica**. São Paulo: Hacker Editores/FAPESP, 2001.

RIVIÈRE, Joan. A feminilidade como mascarada. **Psyché**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 13-24, jul.|dez. 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAAD, Ambrozina Amália Coragem. Um outro olhar sobre a feminilidade: feminino-singular, o primeiro sexo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Brasília, v. 36, n.3, p. 603-629, 2002.

SCOTTI, Sérgio. A histeria em Freud e Flaubert. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.7, n. 2, Jul/Dez, 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200014&script=sci_arttext). Acesso em: 24 jul. 2012.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

TORRES, Mónica. La sexualidad femenina: introducción. In: TORRES, Mónica. **La sexualidad femenina y la figura del padre: límites del pensamiento freudiano.** Buenos Aires: Curso, 1995. p. 3-12.

TORRES, Mónica; KATZ, Linda. El “todas fálicas” em el pensamiento freudiano. Posición histérica, posición femenina. In: TORRES, Mónica. **La sexualidad femenina y la figura del padre: límites del pensamiento freudiano.** Buenos Aires: Curso, 1995. p.13-21.

VIANA, Milena Barros. **Mudanças nos conceitos de ansiedade nos séculos XIX e XX: Da neurose de angústia ao DSM-IV.** 2010. Tese (doutorado em Filosofia). Universidade Federal de São Carlos – São Carlos.

ZIZEK, Slavoj. **Lãs metástasis del goce: seis ensaios sobre La mujer y La causalidad.** Paidós Ibérica, 2003.